

Universidade de Brasília – UnB
Departamento de Economia

Economia e Felicidade: um estudo empírico sobre a
felicidade dos alunos de Economia da Universidade de Brasília

Gabriela D'Azevedo Martins

Brasília
Novembro de 2015

Gabriela D'Azevedo Martins

**Economia e Felicidade: um estudo empírico sobre a
felicidade dos alunos de Economia da Universidade de Brasília**

Monografia apresentada ao Departamento de
Economia da Universidade de Brasília (UnB) como
requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel
em Ciências Econômicas.

Banca examinadora:

Professora Doutora Geovana Lorena Bertussi (orientadora)

Professora Danielle Sandi Pinheiro

Brasília

Novembro de 2015

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram para que eu pudesse concluir essa etapa tão importante e especial em minha vida com êxito. Dessa forma, gostaria de agradecer:

Especialmente à minha mãe, Marta, por toda a ajuda, paciência e apoio incondicional; ao meu pai, Luis Felipe, por estar sempre ao meu lado e me apoiar em todas as minhas decisões; à minha irmã, Raphaela, por todo auxílio e por todos os momentos compartilhados; e ao meu irmão, Leonardo, pela amizade, motivação e companheirismo nos estudos.

À Professora Doutora Geovana, por ser uma excelente professora e orientadora; pelos exímios cursos de Macroeconomia e Economia Brasileira, por todo o apoio e sobretudo pela oportunidade de trabalharmos juntas este fascinante tema.

À amiga, colega e companheira de estudos, Camilla, pelas inúmeras horas compartilhadas na BCE durante a graduação e, principalmente, pela amizade construída. Juntas, todos os momentos foram melhores, os difíceis e os felizes.

À amiga, Raphaela, por todos os momentos maravilhosos que passamos juntas na França e por se fazer sempre presente, independentemente da distância. Essa amizade é fortemente significativa para a minha felicidade.

Ao Vitor Borges, por todo apoio inicial, fundamental para que pudesse começar esta pesquisa.

E, finalmente, ao corpo docente e discente de Economia da Universidade de Brasília que possibilitou o levantamento de dados para tornar esta pesquisa factível. Muito obrigada!

“Se quiséssemos ser apenas felizes, isso não seria difícil.
Mas como queremos ficar mais felizes do que os outros, é difícil,
porque achamos os outros mais felizes do que realmente são.”

Montesquieu.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar a relevância e encontrar relações de algumas variáveis consideradas como possíveis determinantes empíricos da felicidade individual dos estudantes de Economia da Universidade de Brasília. Os determinantes considerados foram gênero e opção sexual, situação financeira, relacionamentos, comprometimento socioambiental, saúde, valores pessoais, tempo livre, visão do Brasil, desempenho no curso de Economia e expectativa de felicidade futura. Os dados referentes a essas variáveis foram obtidos por meio de aplicação de questionários de elaboração própria, baseado nos questionários da *World Values Survey (WVS)* de 2014. Os principais resultados obtidos mostram que, no que tange a situação financeira, as variáveis referentes a possuir carro próprio, trabalhar ou fazer estágio e satisfação com a renda familiar sugerem significância para a determinação da felicidade, apresentando correlação positiva com a mesma. No que diz respeito a relacionamentos, a variável frequência com que encontra os amigos apresentou forte correlação positiva com o nível de felicidade. Quanto ao comprometimento socioambiental, as variáveis que mediram a interação com a natureza, a preocupação com o meio ambiente e a consciência da relevância das próprias ações para a sociedade como um todo também apresentaram correlação positiva com a felicidade dos respondentes, enfatizando sua relevância na mensuração da felicidade dos indivíduos da amostra. Com relação a valores pessoais, a visão que o aluno tem de si mesmo, a satisfação com sua aparência física e a confiança nas outras pessoas apresentaram forte correlação positiva com o nível de felicidade. Tais variáveis sugeriram significância na explicação da felicidade individual. Ainda, também fortemente correlacionada, mas de forma negativa, com a felicidade foi a variável de nível de estresse, demonstrando forte relevância na determinação da felicidade dos alunos respondentes. No que diz respeito à visão que se tem do Brasil, a variável segurança se destacou na determinação da felicidade, apresentando correlação positiva com a variável principal de interesse. E, finalmente, quanto à expectativa de felicidade futura, esta variável também se relaciona positivamente com a felicidade dos alunos contemplados na amostra.

Palavras-chave: felicidade, bem-estar subjetivo individual, satisfação com a renda, engajamento socioambiental, satisfação com aparência física, estresse, confiança nos outros.

ABSTRACT

This study aimed to observe the relevance and analyze the influence of possible empirical determinants on the individual happiness of students from the Economics Department at University of Brasilia. The considered determinants were gender and sexual orientation, financial position, relationships, social and environmental commitment, health, personal values, spare time, view of Brazil when compared to developed countries, performance in Economics course and expectation of own future happiness. The data for these variables were obtained through the application of personally elaborated questionnaires, which were based on the World Values Survey (WVS) ones, applied in 2014. The main results obtained show that, regarding the financial position, the variables related to owning their own car, work or do an internship and satisfaction with family income were significant in determining the happiness, and positively related to it. Regarding to relationships, the variable 'frequency of meeting with friends' came up with strong positive correlation with level of happiness. Concerning to environmental commitment, the variables that measured 'interaction with nature', 'concern for the environment' and 'awareness of the relevance of own shares for society as a whole' also showed a positive correlation with the happiness of respondents, emphasizing their importance in measuring the happiness of individuals in the sample. Regarding 'personal values', the vision the student has of himself, the satisfaction with their physical appearance and the trust in others showed strong positive correlation with the level of happiness. These variables are significant in the explanation of happiness. Yet also strongly but negatively correlated with happiness was the variable of stress, which showed strong relevance in determining the happiness of respondent students. Concerning to the vision one has of Brazil, safety variable excelled in determining happiness, being positively related with it. And finally, the variable of expectation of own future happiness is also positively related to the happiness of the students included in the sample.

Keywords: happiness, individual subjective well-being, satisfaction with income, social and environmental engagement, satisfaction with physical appearance, stress, trust in others.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| I. Introdução..... | 1 |
| II. Revisão de Literatura..... | 3 |
| 2.1. História da Felicidade em Economia..... | 3 |
| 2.2. Complexidade do tema..... | 6 |
| 2.3. O Paradoxo da Felicidade e suas implicações - Easterlin 1974..... | 9 |
| 2.4. Debate atual – Mundo..... | 10 |
| 2.4.1. Renda e Felicidade..... | 10 |
| 2.4.2 Geral..... | 11 |
| 2.5. Debate Atual – Brasil..... | 13 |
| III. Análise Descritiva dos Dados..... | 18 |
| 3.1. Iniciativas de mensuração da felicidade..... | 18 |
| 3.2. Índice de Desenvolvimento Humano..... | 19 |
| 3.3. <i>The Positive Experience Index</i> e <i>The World Happiness Report</i> | 20 |
| 3.4. <i>Legatum Prosperity Index</i> | 22 |
| 3.5. <i>Happy Planet Index</i> | 26 |
| 3.6. <i>Gallup-Healthways Global Well-Being Index</i> | 27 |
| 3.7. <i>Better Life Index</i> | 30 |
| 3.8. <i>World Values Survey (WVS)</i> | 31 |
| 3.9. <i>Well Being Brasil (WBB)</i> | 33 |
| 3.10. Comparações entre os índices globais de felicidade | 35 |
| IV. Métodos e Procedimentos..... | 39 |
| 4.1. Questionário e variáveis..... | 39 |
| 4.2. Público alvo componente da amostra..... | 41 |
| 4.3. Risco de viés..... | 41 |
| V. Resultados | 42 |
| 5.1. Resultados gerais..... | 42 |
| 5.2. Muito felizes..... | 43 |
| 5.3. Felizes..... | 4 |

| | |
|--|-----------|
| 5.4. Não muito felizes..... | 45 |
| 5.5. Infelizes..... | 46 |
| 5.6. Influência dos subgrupos de variáveis nos níveis de felicidade..... | 47 |
| 5.6.1. Características referentes a gênero e à opção sexual..... | 47 |
| 5.6.2. Situação financeira..... | 47 |
| 5.6.3. Relacionamentos..... | 48 |
| 5.6.4. Comprometimento socioambiental..... | 49 |
| 5.6.5. Saúde..... | 50 |
| 5.6.6. Valores pessoais..... | 51 |
| 5.6.7. Tempo livre..... | 52 |
| 5.6.8. Visão do Brasil..... | 53 |
| 5.6.9. Desempenho no curso..... | 53 |
| 5.6.10. Felicidade futura..... | 53 |
| VI. Considerações Finais..... | 54 |
| VII. Referências Bibliográficas..... | 56 |
| ANEXO..... | 59 |

1 INTRODUÇÃO

Em Economia, a felicidade esteve em pauta desde seus primórdios, sendo incorporada nos estudos de Bentham, Pareto, Hicks e Smith (GRAHAM, 2005).

Os economistas tradicionais decidiram focar suas análises no processo de escolhas racionais dos indivíduos de maximização das utilidades, dada suas restrições orçamentárias (renda). A teoria tradicional defende que renda e riqueza permitem mais possibilidades de consumo, o que denota melhor qualidade de vida, pois as pessoas irão optar pelo o que maximizará seu bem-estar. Assim, para tais autores, como a renda é positivamente correlacionada com número de escolhas, melhores níveis de renda são equivalentes a maiores níveis de bem-estar.

Na Economia Tradicional então, bem-estar é compreendido no sentido utilitarista, sendo equiparado às condições materiais de vida dos indivíduos (renda e consumo) ou, no caso de uma nação, à renda agregada gerada em determinado período. De acordo com esta visão, o bem-estar é medido através de indicadores objetivos (CONCEIÇÃO; BANDURA, 2008).

A partir de 1974, com os trabalhos de Richard Easterlin, surge o campo da Economia da Felicidade, como uma proposta que retoma os estudos sobre felicidade em Economia, mas de forma empírica, considerando aspectos subjetivos da vida dos indivíduos, questionando postulados da economia tradicional e buscando contribuições através das relações entre Economia e outras ciências sociais.

Na Economia da Felicidade, o bem-estar é compreendido através de aspectos subjetivos. O bem-estar subjetivo enfatiza a avaliação que os indivíduos fazem de suas próprias vidas.

O estudo da felicidade, apesar de ser um tema antigo, foi retomado na década de 1970 no campo de estudos da Economia. A partir das pesquisas de Richard Easterlin, considerado o economista precursor dos estudos atuais sobre a felicidade, este tema tem despertado um crescente interesse da academia (citando alguns trabalhos: BRUNI, 2007; CHOUDHARY *et al*, 2012; STEVENSON E WOLFERS, 2013).

Analisando previamente, este tema ainda é pouco abordado no Brasil. Pelo interesse e pela relevância que o estudo da felicidade vem despertando na

comunidade acadêmica internacional, é de suma importância que este tipo de estudo seja também cada vez mais inserido no Brasil. Dessa forma, a presente pesquisa pretende contribuir para introduzir o debate acerca da felicidade e economia na academia brasileira.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a relevância e encontrar relações de algumas variáveis consideradas como possíveis determinantes empíricos da felicidade individual dos estudantes do curso de Ciências Econômicas da Universidade de Brasília (UnB). Este estudo será feito a partir de levantamento de dados por meio de aplicação de questionários de elaboração própria, mas que tiveram como base os questionários da *World Values Survey (WVS)* de 2014.

Como objetivos específicos da presente pesquisa destacam-se a revisão da literatura acerca do tema, bem como a análise descritiva dos dados existentes sobre felicidade, a elaboração de um questionário adequado ao estudo que se deseja realizar, a própria pesquisa de campo a fim de se obter uma abrangência relevante e, conseqüentemente, uma amostra representativa do público alvo da pesquisa, a elaboração de uma consistente base de dados primários e, por fim, a descrição, a partir dos dados coletados, dos perfis de alunos muito felizes, felizes, não muito felizes e infelizes.

O problema investigativo desta pesquisa consiste, então, em encontrar relações de certas variáveis consideradas importantes como possíveis determinantes empíricos da felicidade individual dos alunos do curso de Economia da UnB. Para tanto, parte-se do pressuposto de que são relevantes variáveis ligadas a: gênero e opção sexual, situação financeira, relacionamentos, comprometimento socioambiental, saúde, valores pessoais, tempo livre, visão do Brasil, desempenho no curso de Economia e expectativa de felicidade futura.

Ainda, para melhor guiar a pesquisa, parte-se das seguintes hipóteses: i) isoladamente as variáveis não explicam de forma correta e completa a felicidade; ii) em conjunto, as variáveis contribuem melhor e com diferentes pesos para a determinação da felicidade; iii) as variáveis anteriormente relacionadas tendem a ser significativas para determinar a felicidade da amostra específica abordada neste trabalho.

O presente trabalho está organizado em sete capítulos. No capítulo 2, é apresentada uma revisão de literatura acerca da Economia da Felicidade, apontando os principais resultados obtidos até então e as principais discussões que permeiam

o tema atualmente. No capítulo 3, são apresentados e analisados, de forma individual, os principais índices voltados para a mensuração da felicidade internacionalmente. Dessa forma, é feita uma análise descritiva das bases de dados existentes, pontuando os resultados e *rankings* de países mais relevantes em termos de felicidade; em particular, é dedicada atenção especial para a análise do caso brasileiro e, em segundo lugar, de países da América Latina. O capítulo 4 é voltado para os métodos e procedimentos aplicados, contemplando descrições acerca do questionário aplicado, das variáveis escolhidas e do público alvo da pesquisa. No capítulo 5, são apresentados os resultados gerais obtidos para cada perfil de respondente (muito feliz, feliz, não muito feliz e infeliz) e os principais resultados referentes a cada variável, considerando a relevância de cada uma na explicação da felicidade dos alunos respondentes. Em seguida, o capítulo 6 traz as principais conclusões e considerações finais do trabalho.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 História da Felicidade em Economia

O propósito de conquistar uma vida feliz e fazer o melhor de suas vidas é inerente ao ser humano (GIANNETTI, 2002). A felicidade é considerada por muitos a principal meta de vida e praticamente todos os indivíduos querem ser felizes (FREY, 2008; CAMPETTI E ALVES, 2013). É a busca pela felicidade que temos em mente na maior parte do tempo, e é ela que preenche a maior parte de nossas vidas (BAUMAN, 2009). Nas ciências sociais, a felicidade tem sido objeto de diversos debates ao longo tempo.

Sócrates e Platão já concordavam que o desejo de felicidade era um “fato bruto da vida” (BAUMAN, 2009, p. 40). Aristóteles ofereceu uma lista de “bens” internos e externos que seriam indispensáveis para a felicidade, definindo esta como uma relação entre prosperidade e virtude. (BAUMAN, 2009)

Em Economia, a felicidade esteve em pauta desde seus primórdios: Bentham, Smith e Walras incorporaram a busca da felicidade em seus trabalhos (GRAHAM, 2005; CAMPETTI E ALVES 2013). Ao estudar a Riqueza das Nações, Adam Smith e os Clássicos consideravam que felicidade não é riqueza, mas que a riqueza pode ser um meio capaz de proporcionar a felicidade. A corrente principal em Economia – também chamada Economia Tradicional ou Ortodoxa – traduziu a felicidade em

termos como prazer (Bentham), utilidade (Jevons, Menger, Walras), escolhas (Pareto), preferências (Hicks) ou escolhas racionais (Samuelson) (HUNT, 2005; BRUNI, 2006; 2007; CAMPETTI E ALVES, 2013). Na Economia Tradicional então, bem-estar é compreendido no sentido utilitarista, sendo equiparado às condições materiais de vida dos indivíduos (renda e consumo) ou, no caso de uma nação, à renda agregada gerada em determinado período. De acordo com esta visão, o bem-estar é medido através de indicadores objetivos.

No entanto, atualmente, pergunta-se cada vez com mais frequência “o que há de errado com a felicidade?”. Rustin (2007) explica o motivo do questionamento: sociedades como a nossa, movidas por indivíduos em constante busca pela felicidade, estão se tornando mais ricas, mas não está claro se estão se tornando mais felizes (BAUMAN, 2009). Bauman (2009, p.5), crê que a busca pela felicidade pode ser responsável pelo seu próprio fracasso: “Todos os dados empíricos disponíveis indicam que, nas populações das sociedades abastadas, pode não haver relação alguma entre mais riqueza, considerada o principal veículo de uma vida feliz, e maior felicidade!”.

Além do mais, enquanto se prometia que um incremento do crescimento econômico iria promover melhores índices de felicidade, o que se observa atualmente é uma maior taxa de criminalidade (RUSTIN, 2007). Juntamente com ela, acrescenta Bauman (2009, p.7) cresce também “uma incômoda e desconfortável sensação de incerteza difícil de suportar”.

Em uma sociedade como a atual, que iguala felicidade a números e à compra de produtos que se espera que gerem felicidade, afasta-se a possibilidade de a busca pela felicidade chegar ao fim. Tal sociedade é tida como, além de vulnerável, altamente contraditória, uma vez que estabelece para todos os membros um padrão de felicidade que a maioria é incapaz ou impedida de alcançar. Assim, atualmente, não há confiança na suposição de que a felicidade é um estado, talvez até um estado perpétuo, imutável quando alcançado (BAUMAN, 2009).

Dessa forma, a busca pela felicidade se mostra como uma eterna companhia da existência humana. Mas igualmente eterna parece ser a impossibilidade de sua realização. E igualmente eterna, apesar de todas as frustrações que isso causa, é a impossibilidade de os seres humanos algum dia deixarem de desejar a felicidade.

Bauman aponta que o surgimento da busca da felicidade como principal motor do pensamento e ação humanos prenuncia uma verdadeira revolução:

Economicamente, desencadeia a mudança da satisfação de necessidades para a produção dos desejos. Se o "estado de felicidade" como motivo de pensamento e ação foi essencialmente um fator de conservação e estabilização, a "busca da felicidade" é uma poderosa força desestabilizadora (BAUMAN, 2009, p. 44).

Tendo em vista todas as implicações e contradições econômicas, sociais, ambientais e psicológicas geradas pelo tema da felicidade, inúmeros estudiosos, como Amartya Sen, rejeitaram o conceito utilitarista de que uma maior felicidade é alcançada por meio de um maior número em termos de renda ou PIB. Eles argumentaram que a ideia de uma única medida de bem-estar, igualada à satisfação de desejos e preferências, não reconhece adequadamente a diversidade dos propósitos humanos e a necessidade de liberdade para deliberar e decidir entre eles. Tais mecanismos utilitaristas são considerados extremamente simplistas para prover a linguagem de escolhas sociais e o desenvolvimento das capacidades humanas (RUSTIN, 2007). Como declarou Robert Kennedy, em 1968: em resumo, indicadores como o PNB, por exemplo, medem tudo, menos o que faz a vida valer a pena (BAUMAN, 2009, p.9).

Para Kant, o conceito de felicidade é de tal modo indeterminado que, embora todos desejem atingi-la, não podem, contudo, afirmar de modo definitivo e consistente o que é que realmente desejam e pretendem. Na sociedade atual, somos levados a acreditar que o propósito da vida pode e deve ser a felicidade, embora não seja claro o que ela é. A imagem de um estado de felicidade muda constantemente e permanece ainda como algo a ser atingido (BAUMAN, 2009). E mais ainda, há felicidade para todos, mas não a mesma felicidade para cada um.

Dessa forma, embora não exista uma preocupação em conceituar o termo felicidade, há a perspectiva atual de tornar concreta a mensuração da felicidade ou do estado de felicidade, enfatizando a avaliação que os indivíduos fazem de suas próprias vidas, e de seus determinantes, relacionando-a com variáveis econômicas, como renda, inflação e desemprego, bem como variáveis ambientais, sociais e psicológicas.

Sendo a felicidade um objetivo central a ser maximizado na vida individual e social, é de grande relevância para a economia buscar compreender os principais fatores determinantes e condicionantes da felicidade dos indivíduos e explorar as relações entre felicidade e cada variável explicativa.

Como apontou Bradburn,(1969, p. 233): “se entendermos como as pessoas chegam no julgamento de sua própria felicidade e como as forças sociais se relacionam com esses julgamentos, estaremos numa melhor posição de formular e executar políticas sociais efetivas”.

2.2 Complexidade do tema

Ao estudar a Economia da Felicidade, é de extrema importância o reconhecimento das dificuldades que permeiam o tema. A natureza subjetiva da felicidade, além de englobar conceitos interdisciplinares, impõe certos desafios quanto à obtenção de dados confiáveis e comparáveis e quanto à metodologia de análise estatística e econométrica.

Por ser um campo da economia que utiliza não somente ferramentas e argumentos econômicos para investigar os fatores determinantes da felicidade pessoal, a Economia da Felicidade está fortemente vinculada a outras ciências como a sociologia, a ciência política, e, fundamentalmente, a psicologia (NERY, 2014). É nesse contexto que o psicólogo Daniel Kahneman recebeu o prêmio Nobel de Economia em 2002, alegando a existência de uma dimensão objetiva da felicidade ilustrando a importância da interação da economia com diversas disciplinas neste campo de estudo (LIMA, 2007).

Dada a característica multifacetária e subjetiva de seu conteúdo, os estudos no âmbito da felicidade são essencialmente empíricos e fundamentados em *surveys* (pesquisas de opinião), por meio de questionários e entrevistas sobre o nível de felicidade da população, aplicadas a amostras representativas de diversas sociedades. No entanto, como apontam Corbi e Menezes-Filho (2006), a forma pela qual este tipo de estudo tem se desenvolvido nas últimas décadas, por meio do julgamento pessoal, levanta dúvidas metodológicas legítimas e difíceis de serem respondidas, mas que, ao mesmo tempo, não o desqualificam.

Dentre estas críticas estão os problemas intrínsecos à autoavaliação como, por exemplo, a possibilidade das respostas aos questionários estarem correlacionadas com traços pessoais e psicológicos não observados, a facilidade

das mudanças de humor frente a eventos cotidianos causarem viés nas respostas e, ainda, as eventuais dificuldades na agregação e comparação interpessoal e internacional das respostas, uma vez que os indivíduos podem utilizar pontos de referências diferentes ao declarar a felicidade, bem como variar a interpretação do significado da mesma de acordo com diferenças pessoais e culturais (CORBI E MENEZES-FILHO, 2006; DIB NETTO, 2014).

Entretanto, mesmo sendo necessário ressaltar a dificuldade de estimação do bem-estar subjetivo pessoal devido à grande influência de fatores pessoais e transitórios da vida de cada indivíduo em sua confiabilidade, pode-se entender que a maioria das pessoas tem conhecimento sobre seu apreço e satisfação pela própria vida de forma geral. De acordo com Corbi e Menezes-Filho (2006), ainda que exista a liberdade de cada indivíduo definir seu próprio conceito de felicidade, o conteúdo das respostas varia pouco entre eles, consistindo principalmente em preocupações sobre a saúde, vida familiar, situação financeira e emprego.

Nesse âmbito, as vantagens do uso de *surveys* são consideradas bastante superiores às suas desvantagens e, por isso, esse método é considerado adequado e efetivo, tendo sido reconhecido por diversos estudos e organizações. Krueger e Schkade (2008), ao estudarem a confiabilidade de medidas padrão de bem-estar subjetivo, baseadas no auto relato, concluem que esta é suficientemente alta para embasar os estudos sobre a felicidade. Segundo Sarracino (2013), a melhor estratégia de acesso ao bem-estar subjetivo, ou seja, à felicidade, é perguntar diretamente às pessoas sobre a avaliação da qualidade de suas próprias vidas, ideia também corroborada por Corbi e Menezes-Filho (2006, p. 9): “a saída encontrada para captar a felicidade das pessoas foi, simplesmente, perguntar a elas”. Ainda nesse sentido, “os entrevistados pelas pesquisas claramente reconhecem a diferença entre felicidade como uma emoção e felicidade no sentido de satisfação com a vida como um todo”, de acordo com o *The World Happiness Report 2013* (p. 3), publicado pelo *The Earth Institute*, da Universidade de Columbia, e pela Organização das Nações Unidas (ONU). Similarmente, foi publicado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), também em 2013, um guia oficial de mensuração do bem-estar subjetivo para os países usando a metodologia de *surveys*, contribuindo, assim, com o argumento de validação desse processo.

No entanto, é imprescindível reconhecer que existem ainda diversos desafios empíricos, principalmente de cunho econométrico, para os quais, até o momento, não há argumentos consolidados em uma única solução (DIB NETTO, 2014).

Normalmente, segundo Nery (2014), as pesquisas de Economia da Felicidade apresentam modelos econométricos que permitem verificar o relacionamento entre o nível de felicidade (variável dependente) e demais variáveis independentes, econômicas ou não, escolhidas para explicá-lo. Assim, a primeira dificuldade econométrica se dá na escolha de modelos a serem utilizados. Graças à natureza ordinal da variável “felicidade” obtida por *surveys*, alguns autores como Corbi e Menezes-Filho (2006), Lima (2007), Moura e Bueno (2013) e Pénard *et all* (2013) optam por uso de modelos ordenados de variáveis dependentes discretas (*probit* e *logit* ordenados, por exemplo), afirmando que estimações usuais baseadas na média – Mínimos Quadrados Ordinários, por exemplo – seriam fontes de conclusões equivocadas (DIB NETTO, 2014). Contrariamente, autores como Kavetsos e Koutroumpis (2011) e Tenng Guo e Lingyi Hu (2011) optam por estimativas obtidas por Mínimos Quadrados Ordinários defendendo que este tipo de modelo não altera significativamente os resultados.

Em seguida, conforme defendido por Dib Netto (2014), a direção de causa e efeito entre as variáveis do modelo também podem ser questionadas. Por exemplo, observada a existência de uma correlação positiva entre o nível de felicidade e a renda individual, questiona-se se as pessoas são mais felizes por apresentarem uma renda mais alta ou se, por serem mais felizes, possuem características vantajosas dentro do mercado do trabalho, como maior produtividade por exemplo, e por isso atingem maiores níveis de renda. Ainda não foi encontrada uma solução para o viés de causalidade e simultaneidade, dado que o uso de variáveis instrumentais é impossibilitado pela falta de variáveis explicativas potencialmente endógenas convincentes na literatura, de acordo com Dib Netto (2014).

Ainda existem desafios referentes à possibilidade de inexistência de tendência nos dados de felicidade para certos países ao longo do tempo, observada por Blanchflower e Oswald (2004), dada a dependência desta em relação às aspirações individuais que mudam com o passar do tempo. A carência de bases de

dados que acompanhem os mesmos indivíduos em períodos diferentes também constitui um grande entrave às pesquisas na área da Economia da Felicidade.

2.3 O Paradoxo da Felicidade e suas implicações - Easterlin 1974

Em 1974, Richard Easterlin direcionou sua pesquisa diretamente ao bem-estar subjetivo dos seres humanos, ou seja, à felicidade. Focando sua análise na associação entre renda e felicidade para 19 países durante o período de 1946 a 1970, o autor utilizou duas bases de dados: uma fornecida por respostas a um levantamento do instituto Gallup e outra fornecida por uma pesquisa mais sofisticada e pioneira do psicólogo Hadley Cantril em 1965. Na primeira, a pergunta proposta requeria ao respondente dizer o quanto feliz ele se considerava: muito feliz, feliz ou não muito feliz (EASTERLIN, 1974). Tal questionamento era, algumas vezes, precedido por outra pergunta: “o que significa a palavra “felicidade” para você?” (EASTERLIN, 1974). Na segunda, os entrevistados deveriam classificar a própria satisfação com a vida numa escala de 0 a 10. Assim, ambas as pesquisas tiveram como base autoavaliações subjetivas de felicidade, em que o indivíduo é considerado o melhor juiz do próprio sentimento, e ambas levaram aos mesmos resultados.

O autor demonstrou que, apesar de existir uma relação positiva entre renda e felicidade, ou seja, a felicidade estar associada diretamente com uma renda mais alta, em todos os países, a felicidade reportada nos Estados Unidos entre os anos de 1946-1970 permaneceu, na média, estagnada, não obstante o forte crescimento econômico ocorrido no período. Foram encontrados, posteriormente, os mesmos resultados para aumentos de renda *per capita* em outros países desenvolvidos como Japão (EASTERLIN, 2000), Dinamarca, Alemanha e Itália (DIENER; OISHI, 2000).

A relação paradoxal entre renda e felicidade verificada por Easterlin em 1974 foi batizada de Paradoxo de Easterlin ou Paradoxo da Felicidade, constituindo o marco inicial do tema Economia da Felicidade. Os resultados obtidos pelo autor possibilitaram ampliar a visão sobre políticas públicas e, principalmente, sobre o crescimento econômico, porém, mais do que isso, trouxeram a certeza de que é fundamentalmente necessário o aprofundamento de pesquisas acerca da natureza e causas do bem-estar humano.

Dessa forma, Richard Easterlin é considerado o economista precursor dos estudos sobre o tema e, após suas descobertas, várias questões importantes acerca do bem-estar subjetivo começaram a ser consideradas e estudadas.

2.4 Debate atual – Mundo

2.4.1 Renda e Felicidade

A relação paradoxal entre renda e felicidade primeiramente observada por Easterlin despertou o interesse de diversos economistas e ainda compõe boa parte do debate atual acerca da Economia da Felicidade.

Choudhary *et al* (2012) estudaram aspectos analíticos do Paradoxo de Easterlin e chegaram a resultados que levaram à generalização do Paradoxo, batizado de *Puzzle* da Felicidade. Além do perfil de bem-estar plano do paradoxo de Easterlin, em que um aumento de renda apresenta influência igual a zero na felicidade, essa generalização admite duas outras possibilidades: a "felicidade reversa", que é o caso extremo em que o bem-estar cai com o aumento da renda e a "inércia da felicidade", que se refere ao caso do bem-estar crescer menos que proporcionalmente com o crescimento da renda. No caso da felicidade reversa, esta se daria quando o aumento da renda via crescimento econômico e PIB traria mais externalidades negativas do que positivas (tais como congestionamento e aumento da violência), tendo assim um efeito mais negativo do que positivo na felicidade. No último caso, a inércia aconteceria a partir de um certo nível de renda anual (\$75,000) calculado por Kahneman e Deaton (2010).

Stevenson e Wolfers (2013) estudaram a validade da proposição de que, uma vez atingido o nível de garantia de suprimento das necessidades básicas, o aumento do nível de renda não acarreta um aumento de felicidade, utilizando dados do *Gallup World Poll* para as 5 waves correspondentes ao período de 2008 a 2012. Visando encontrar evidências do ponto de saciedade entre a renda e a felicidade, os autores analisaram múltiplas bases de dados, respeitando o tipo de medida avaliativa de felicidade que foram consideradas pelas hipóteses de Easterlin, definições de necessidades básicas e perguntas acerca de bem-estar subjetivo. Ainda, promoveram comparações de resultados entre países ricos e pobres (total de 98 países analisados) e entre pessoas ricas e pobres dentro de um mesmo país. Como resultado, encontrou-se que a relação entre renda e felicidade é *log*-linear e não

diminui com um aumento de renda. Assim, os autores defendem que, apesar de atraente, a ideia de um ponto crítico de renda a partir do qual esta não apresenta mais impactos no bem-estar subjetivo não é verificada a partir dos dados.

Nery (2014), por sua vez, evoca dois conceitos para explicar o vínculo entre renda e felicidade: o de adaptação e a “teoria dos níveis de aspiração”. Sobre a adaptação, o autor utiliza resultados, encontrados por Easterlin (2004), de que a adaptação é maior para o dinheiro do que para a maioria dos eventos da vida. Já segundo a “teoria dos níveis de aspiração”, o bem-estar individual é resultado da distância entre aspiração e realização. Dessa forma, Nery acredita que uma combinação desses dois argumentos constituiria a explicação para o Paradoxo de Easterlin: os indivíduos se adaptam ao nível de renda presente, eliminando o efeito positivo desta no bem-estar, e passam a buscar aspirações maiores. Uma outra possível explicação, abordada por Giannetti (2002), incluiria a relatividade da felicidade. Em outras palavras, no que tange a renda, os estudos demonstram que mais do que a renda absoluta, o que importa para a felicidade das pessoas é a renda relativa, baseada na comparação com alguns grupos específicos próximos do indivíduo (NERY, 2014).

2.4.2 Geral

Apesar das implicações referentes ao Paradoxo de Easterlin, o debate econômico atual acerca da felicidade é bastante diversificado e não diz respeito apenas à relação entre renda e felicidade. Atualmente, vários estudiosos focam suas pesquisas na interação entre o nível de felicidade e diversas variáveis, sendo elas econômicas ou não. Dessa forma, a Economia da Felicidade atualmente procura identificar e explicar os determinantes empíricos da felicidade, verificando a validade dos principais resultados encontrados para diferentes países.

Blanchflower e Oswald (2004), por meio de estimações micro-econômicas de equações de bem-estar subjetivo para os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, abrangendo o período de 1970 a 1990, resumem as principais conclusões das suas equações para a felicidade: a felicidade é maior entre as mulheres, pessoas religiosas, casadas e cujos pais são casados, mais educadas e de alta renda. Menor entre os divorciados, viúvos e desempregados. Os autores ainda verificaram que a renda relativa é significativa para a determinação do bem-estar subjetivo individual e

que a felicidade, em ambos os países estudados, apresenta um formato de U em relação à idade, alcançando seu ponto de mínimo aos 40 anos.

Estudos, como o de Layard (2005), detectaram, por meio de revisões de literaturas e resultados relevantes já encontrados, que há certos fatores como relacionamentos familiares, situação financeira, trabalho, comunidade e amigos, saúde, liberdade pessoal e valores pessoais, que afetam em maior grau a felicidade dos indivíduos.

Inglehart *et al.* (2008) afirmam que o bem-estar subjetivo também é influenciado por aspectos socioculturais, como exemplo, pela democratização. Associada à crescente tolerância social e ao desenvolvimento econômico, esta impulsionou os índices de felicidade a partir da década de 1980 em 45 países. Os autores argumentam que o sentimento de liberdade de escolha é um componente importante do bem-estar subjetivo individual e destacam que os regimes comunistas foram extremamente prejudiciais neste aspecto.

Em consonância com Di Tella, Macculloch e Oswald (2001), que mostram que processos macroeconômicos apresentam efeitos relevantes no bem-estar subjetivo de 12 países europeus e nos EUA, Teng Guo e Lingyi Hu (2011), focam seu estudo apenas nos determinantes econômicos da felicidade para os norte americanos. Utilizando dados individuais do *General Social Survey* e dados nacionais do Banco Mundial, os autores verificaram uma conexão negativa entre felicidade nacional, desemprego e inflação, corroborando com pesquisas anteriores acerca dos determinantes econômicos da felicidade. Embora a riqueza nacional, mensurada em termos de PIB *per capita*, não ter apresentado correlação estatística significativa com a felicidade geral nacional, observou-se que o nível individual de renda é altamente significativo para o bem-estar individual.

No que diz respeito a tecnologias, Kavetsos e Koutroumpis (2011), a partir de base *cross-national* de dados individuais para satisfação com a vida, obtida por meio do Eurobarômetro para 29 países durante o período de 2005 a 2008, apontaram que a posse e o uso de bens tecnológicos são associados com níveis significativamente mais altos de bem-estar mensurados por auto-relato de satisfação com a vida. Além disso, verificou-se que indivíduos que vivem em países com maior nível de penetração tecnológica apresentam maiores níveis de satisfação com a vida e, ainda, que um aumento de 10 pontos percentuais na penetração da telefonia móvel

e da banda larga no país correspondem a um incremento de 2,36% e 2,89% no bem-estar subjetivo individual, respectivamente.

Reforçando tais resultados, Pénard *et al* (2013) examinaram empiricamente o impacto do uso da internet no bem-estar subjetivo individual por meio de dados do “*European Value Survey*” (EVS) referentes a Luxemburgo para o ano de 2008. Como resultado, encontrou-se que as desigualdades de felicidade é maior entre pessoas que usam ou não a internet do que entre usuários fracos ou fortes. Ainda, verificou-se que os benefícios do uso da internet são maiores para gerações mais jovens e indivíduos que não estão satisfeitos com suas rendas, o que sugere que políticas de promoção da aprendizagem e de aulas com recursos digitais nas escolas e em populações de baixa renda deveriam ser encorajadas e poderiam, além de reduzir disparidades sociais, maximizar o bem-estar da sociedade como um todo.

Além de determinar as variáveis de peso na felicidade de cada país, preocupa-se em comparar tais resultados internacionalmente. Dessa forma, Sarracino (2013), por meio de uma decomposição de Oaxaca, confirmou que forças semelhantes formam o bem-estar das pessoas tanto em países ricos quanto em países pobres. Além disso, detectou que o capital social e bens relacionais são correlatos importantes da felicidade da população em todos os países da amostra e que as demais variáveis utilizadas apresentam sinais esperados e são consistentes com os dados da literatura já apresentada sobre o tema, sustentando a hipótese da existência de uma equação única de felicidade para todos os países.

Ainda nesta linha, Easterlin (2012), a partir de vários estudos de séries de tempo com cobertura de dados para décadas recentes, apontou que o crescimento econômico por si só não é suficiente para aumentar o bem-estar da população e, ainda, que políticas de pleno emprego e de segurança social garantem o aumento de tais níveis de felicidade e são acessíveis à maioria dos países do mundo. Assim, o autor auxilia na compreensão da importância de considerar o bem-estar subjetivo da população no âmbito econômico e, ainda, promove a concepção de que a felicidade social deveria ser o objetivo primordial das políticas públicas.

2.5 Debate Atual – Brasil

Os estudos no campo da Economia da Felicidade ainda são incipientes no Brasil. A carência de dados quantitativos e qualitativos e de investigações ao mesmo

tempo que constituem um entrave, possibilitam uma gama de oportunidades para avanços neste tema.

Giannetti (2002) contribui para o debate brasileiro acerca da felicidade apontando as duas dimensões deste tema: a objetiva e a subjetiva. A primeira é passível de ser apurada e medida de fora enquanto a segunda é a experiência interior do indivíduo. Segundo o autor, o grande entrave ao estudo da felicidade é a obtenção de dados confiáveis acerca de sua dimensão subjetiva.

Outro trabalho importante dentro do cenário brasileiro é o de Rodrigues e Shikida (2005). Por meio de um estudo de caso realizado para a cidade de Cascavel, no Paraná, os autores avaliaram a relação hierárquica que o dinheiro (renda e/ou bens) ocupa na felicidade dos indivíduos. A partir das respostas aos questionários aplicados (130 no total), encontrou-se que para indivíduos mais abastados, o dinheiro não contribui para um aumento da felicidade, diferentemente do que ocorre para aqueles cujos recursos são escassos, para os quais o dinheiro garante o seu aumento. Adicionalmente, os resultados apontaram que fatores como saúde, família, realização profissional e afetiva e valores como paz e amizade desempenham importante papel na felicidade das pessoas.

Centrado no papel das variáveis econômicas na determinação da felicidade, tem-se o estudo de Corbi e Menezes-Filho (2006). Neste trabalho, a felicidade reportada pelos respondentes dos questionários da 3ª wave do *World Values Survey* (WVS) foi utilizada como uma *proxy* para o bem-estar individual, atuando como variável dependente do modelo. As variáveis determinantes da felicidade contempladas no trabalho foram escolaridade, emprego, estado civil, sexo e idade.

Apesar do foco do estudo ter sido o Brasil, também foram analisados dados referentes aos Estados Unidos, à Argentina, Espanha e ao Japão. Para tanto, os microdados trabalhados foram retirados da 3ª wave do *World Values Survey* (WVS), contemplando o período de 1995 a 1997 com, no mínimo, 1000 observações para cada país. Para o trato econométrico dos dados, foi preferido o modelo de *probit* ordenado, considerado eficiente para estimar fenômenos cuja variável dependente seja discreta e qualitativa e assuma valores em ordenamento de dados (não linear) de forma a ranquear resultados possíveis.

Os resultados obtidos no estudo mostraram que, no Brasil e nos outros países trabalhados, as pessoas mais ricas e empregadas apresentam maior chance de serem felizes. Os custos do desemprego se mostraram maiores do que apenas uma

queda no nível de renda, já que outros efeitos negativos individuais e sociais como, por exemplo, a depressão, redução da autoestima e perda de *status* foram detectados no estudo. Além disso, indivíduos casados mostram-se, na média, mais felizes que outros. Com exceção do Japão, todos os outros países exibem relação positiva entre casamento e felicidade. Ainda, foi encontrada uma relação convexa entre idade e felicidade, com ponto de mínimo em torno de 54 anos.

No mesmo sentido, contudo utilizando variáveis diferenciadas, Lima (2007) analisou a influência de possíveis determinantes na felicidade dos brasileiros. Em seu estudo, as variáveis independentes escolhidas para explicar a felicidade (variável dependente) foram renda, posição relativa da renda, estado civil, idade, escolaridade, sexo, região, religião, etnia, desemprego, probabilidade de desemprego para indivíduos empregados e probabilidade de emprego para indivíduos desempregados.

Os dados referentes ao Brasil foram obtidos por meio da base do *World Values Survey* (WVS) para os anos de 1991 e 1997, totalizando uma amostra de 2931 observações. Para a estimação da felicidade e observação de seus determinantes foram adotados dois modelos econométricos: *probit* padrão, para escolhas binárias, e *probit* ordenado, para escolhas ordenadas. O *probit* padrão foi utilizado para a construção das variáveis explicativas relacionadas ao desemprego, probabilidade de emprego para pessoas desempregadas e probabilidade de desemprego para pessoas empregadas, já o *probit* ordenado foi designado para a construção da variável explicativa “posição relativa da renda” e para a estimação da felicidade.

Os resultados e conclusões obtidos por Lima apontam que a variável renda esteve presente no resultado de quase todas as estimações realizadas, sendo altamente significativa para a determinação da felicidade. A variável posição relativa da renda exibiu uma relação positiva com a felicidade, mostrando, assim, que uma maior renda de um indivíduo perante seus semelhantes contribui positivamente para sua felicidade. No entanto, a posição relativa da renda não se mostrou significativa para a explicação da felicidade. O desemprego, assim como a renda, esteve presente na maioria dos resultados das estimações e apresentou maior significância na determinação da felicidade do que as outras variáveis relacionadas, probabilidade de emprego com desemprego e probabilidade de desemprego com emprego. Outro importante determinante da felicidade para os brasileiros, em

comparação com os outros estados civis, foi o casamento; as mulheres apresentaram uma relação negativa com a felicidade se comparadas aos homens e as religiões católica e espírita expressaram coeficiente negativo para a felicidade.

Moura e Bueno (2013) investigaram a contribuição de direitos de propriedade para a felicidade no Brasil analisando respostas para uma mudança exógena no *status* formal de posse de propriedade.

O trabalho se atém à análise de uma única base de dados baseada no Papel Passado, um programa brasileiro de títulos de terra que afeta 85 mil famílias. O efeito causal da propriedade legal é isolado pela comparação entre duas comunidades similares geográfica e demograficamente em Osasco. Os dados foram coletados em ambos os tipos de unidades antes e depois da garantia de títulos de terra. Foi aplicada a técnica de *probit* multinomial para tratamento dos dados.

Os resultados mostram que propriedade de títulos de terra aumenta em 13 pontos a probabilidade de um indivíduo se qualificar no grupo mais feliz e, ainda, diminui em 21 pontos a probabilidade de pertencer ao grupo de “nível mais baixo”. Assim, a posse de títulos de terra provê ganhos potenciais na felicidade.

O artigo oferece nova evidência empírica acerca de ganhos potenciais na felicidade por meio de distribuição de títulos de terra e ajuda a preencher um importante *gap* entre felicidade e a literatura sobre direitos de propriedade e, assim, sugere a posse de títulos de terra como um dos possíveis determinantes do nível de felicidade no Brasil.

Por meio de revisão bibliográfica completa e significativa, Nery (2014) reuniu as principais descobertas acerca da Economia da Felicidade em seu trabalho para analisar suas implicações nas políticas públicas do Brasil. Primeiramente, foi analisada a relação entre felicidade e os fatores econômicos renda, desemprego, inflação, desigualdade e consumo.

Em relação à renda, as principais conclusões elencadas pela literatura são de que existe uma correlação positiva entre renda e felicidade, mas é a renda relativa (e não a absoluta), baseada na comparação com grupos próximos ao indivíduo, que importa para a satisfação das pessoas. Ainda, renda e felicidade apresentam uma relação não linear, ou seja, a influência do dinheiro na felicidade é cada vez menor à medida que a renda aumenta, mas deve-se lembrar de que a renda tem efeitos significativos na felicidade de grupos com níveis menores de renda, sendo a pobreza uma importante fonte de infelicidade. Em relação à renda média, tem-se que o nível

de bem-estar subjetivo nos países ricos tende a ser maior do que nos países pobres, mas quando a comparação se dá entre países com um mesmo nível de renda a variação na felicidade não apresenta correlação com a renda.

Tendo em vista o desemprego, o autor ressaltou a forte influência negativa dessa variável na felicidade como uma das descobertas mais robustas da Economia da Felicidade. Apontou-se que o desemprego impõe, além de grandes custos financeiros, custos sociais e psicológicos aos indivíduos, corroborando com as conclusões encontradas por Corbi e Menezes-Filho (2006). No que diz respeito à inflação, destacou-se que esta variável em níveis baixos não causa impactos relevantes na felicidade, mas o faz quando é sistemática e “rampante”. Sobre desigualdade, o autor ressaltou o fato de não haver uma convergência nos resultados obtidos em estudos anteriores, devendo-se assim considerar como a desigualdade foi originada em casa país a fim de entender a relação dessa variável com a felicidade dos indivíduos. Em relação ao consumo, Nery aponta como bem definido o ponto de que, ultrapassado um determinado nível de renda, o consumo material não necessariamente aumenta os níveis de felicidade.

O autor, no entanto, discute a aplicação de tais resultados à realidade brasileira, uma vez que a maioria foi obtida a partir de dados referentes a países desenvolvidos. A ideia de que um aumento de renda não seria uma forma efetiva e sustentável de aumentar o bem-estar subjetivo não poderia simplesmente ser “importada” para o Brasil, segundo ele, já que a maior parte da população brasileira ainda se encontra em um patamar em que um aumento de renda significa de fato um aumento do bem estar subjetivo. Desse modo, Nery afirma que a Economia da Felicidade tem pouco a acrescentar ao debate de política econômica no Brasil: a renda ainda deve crescer, a desigualdade e o nível da inflação devem diminuir e o desemprego deve ser mantido em níveis baixos, tendo cuidado apenas com políticas populistas de estímulo à demanda, insustentáveis a longo prazo.

Finalmente, Nery aponta que as maiores contribuições da Economia da Felicidade para o caso brasileiro sejam relacionadas a fatores não econômicos. Assim, uma política econômica voltada para o crescimento econômico, mas complementada por outras políticas públicas que enfatizem confiança nas instituições, fácil mobilidade urbana, desenho urbano que privilegie a boa convivência em comunidade, acesso ao sistema de saúde, segurança e proteção ambiental seriam a chave para o desenvolvimento do país.

3 ANÁLISE DESCRITIVA DOS DADOS

3.1. Iniciativas de mensuração da felicidade

Em vários países, tem-se notado a importância de medidas de bem-estar subjetivo em desempenhar e definir o sucesso de um país e, por isso, há uma crescente atenção sendo dada a esses indicadores ao redor do mundo.

Foi nesse sentido que, em 2008, o presidente francês Nicholas Sarkozy formou uma Comissão para a Mensuração de Performance Econômica e de Progresso Social, formada por Joseph Stiglitz, Amartya Sen e Jean-Paul Fitoussi, para analisar a eficácia e os limites do PIB como um indicador de progresso econômico e como poderiam ser criados outros indicadores de progresso social. Em 2009, a comissão apresentou seu relatório final cujo tema principal foi uma melhora dos atuais sistemas de mensuração existentes, deslocando o foco da mensuração da produção econômica para a mensuração do bem-estar. Nesse sentido, as dimensões que deveriam ser avaliadas, além das condições materiais da vida (renda e consumo, por exemplo), são educação, saúde, participação política e governança, atividades pessoais, trabalho, conexões sociais e relacionamentos, meio ambiente e insegurança econômica e física.

A Comissão Stiglitz-Sen ainda recomenda a instituição de pesquisas formuladas a fim de analisar as relações entre vários domínios de qualidade de vida para cada pessoa, já que essas informações devem ser utilizadas para a construção de políticas públicas. Além disso, a instituição de perguntas acerca das avaliações pessoais de satisfação com a vida e prioridades individuais nas pesquisas de órgãos estatísticos nacionais também é fortemente sugerida.

No mesmo sentido, a Assembleia Geral da ONU aprovou a Resolução 65/309 em 2011, convidando todos os países a medir a felicidade de seus cidadãos a fim de orientar suas políticas públicas (NERY, 2014). Na resolução, além de avaliar que o PIB não reflete adequadamente a felicidade e o bem-estar, a ONU estimula uma mensuração mais equilibrada para o crescimento e desenvolvimento econômico.

Pesquisas internacionais sobre o que fazem as pessoas felizes e as consequências teóricas de expandir a prosperidade sem crescimento material ajudam a entender que felicidade não está ligada com o excesso de riqueza. Um ambiente sustentável combinado com um desenvolvimento ótimo, mental, físico e

potencial, de cada indivíduo seria a chave para o incremento do bem-estar subjetivo individual.

É nesse sentido que foram criadas diversas iniciativas de mensuração da felicidade específicas de cada país ao redor do mundo como, por exemplo, a “Felicidade Interna Bruta” no Reino do Butão, o “*The Quality of Life Project*” na Nova Zelândia, o “*Canadian Index of Well-Being*” no Canadá, o “*North Korea Global Happiness Index*” na Coreia do Norte (NERY, 2014) e, ainda, o “*Well-Being Brasil*” no Brasil.

No que se refere às comparações internacionais, foram criados diversos indicadores que propõem medir os fatores componentes da felicidade em vários países e compará-los para um melhor entendimento de como essa variável se comporta em cada tipo de sociedade.

Tendo em vista esse cenário, o presente capítulo exporá os principais índices que visam mensurar a felicidade e fatores ligados a ela, abordando suas principais características, particularidades e abrangência.

3.2. Índice de Desenvolvimento Humano

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) foi criado para enfatizar a importância das pessoas e de suas capacidades na avaliação do desenvolvimento de um país, e não só do crescimento econômico. O indicador é uma medida resumo do desempenho médio em “dimensões-chave” do desenvolvimento humano: uma vida longa e saudável (expectativa de vida), ser instruído (nível de escolaridade) e ter um padrão de vida decente (*PIB per capita*). O IDH é a média geométrica dos índices normalizados para cada uma das três dimensões. Esse indicador não reflete desigualdades, pobreza, segurança e várias outras variáveis importantes, no entanto, acredita-se que, se combinado com outras análises e indicadores, é uma ferramenta de grande relevância para o estudo do bem-estar.

Os Relatórios do Desenvolvimento Humano publicados, desde 1990, anualmente pelo PNUD compilam os principais resultados do IDH. Em sua última versão de 2014, referente ao ano de 2013 e incluindo 187 países, os países com melhor desempenho no IDH foram Noruega, Austrália, Suíça, Países Baixos e Estados Unidos. Os com pior desempenho foram Níger, República Democrática do Congo e República Centro-Africana. O Brasil ocupou a 79ª posição, sendo classificado como de desenvolvimento humano elevado. No entanto, é verificada

uma tendência de queda nos últimos anos: o país caiu 4 posições no *ranking* de 2009 a 2013, provavelmente graças à desaceleração de sua economia. Dentre os países da América Latina com maior destaque no indicador, estão o Chile e a Argentina, ocupando, respectivamente, o 41º e 49º lugares, sendo considerados países de desenvolvimento humano muito alto e, ainda, apresentando tendência de alta nos últimos anos. Entre 2012 e 2013, a Argentina apresentou um incremento, especialmente, na sua educação, na sua expectativa de vida e, levemente, no seu PIB *per capita*. O Chile apresentou um impulso também nesses 3 fatores, mas sua aceleração econômica, em termos de PIB *per capita*, foi bastante notável.

3.3. *The Positive Experience Index e The World Happiness Report*

Na reportagem intitulada “Quem são os mais felizes do mundo: os suíços ou os latino-americanos?” de Jon Clifton, publicada pelo Instituto *Gallup* em abril de 2015, o autor compara dois resultados completamente diferentes, no âmbito da felicidade. As pesquisas do *World Happiness Report (WHR)* de 2015, que abrangem o período de 2012 a 2014, apontaram que a Suíça é o país mais feliz do mundo, enquanto, contrariamente, o instituto *Gallup* apontou serem os países latino-americanos. A explicação para tal discrepância entre os dois resultados seria a forma de mensuração e definição da felicidade utilizada em cada pesquisa: o WHR assumiu que felicidade é fruto de como os indivíduos percebem suas vidas, enquanto o *Gallup* assumiu, de forma oposta, que felicidade depende de como as pessoas vivem suas vidas, por meio de experiências positivas diárias como sorrir e serem tratadas de forma respeitosa e afetuosa.

No que diz respeito ao WHR, produzido por John Helliwell, Richard Layard e Jeffrey Sachs (com auxílio de outros *experts* independentes) a partir de 2012 para 158 países, como os indivíduos percebem suas vidas foi quantificado perguntando-se para pessoas do mundo inteiro qual seria a avaliação de suas vidas em uma escala de 0 a 10, com 0 representando a pior condição de vida possível e 10 a melhor. A partir dessa escala, suíços e dinamarqueses reportaram as “melhores vidas” do mundo, enquanto pessoas no Togo, Burundi e Afeganistão reportaram as piores. Uma boa avaliação da própria vida mostrou-se fortemente correlacionada a um alto desenvolvimento humano, às expectativas de vidas longas e altas rendas dentro do país.

Na América Latina, os países que mais se destacaram nas análises do WHR 2015, que abrange o período de 2012 a 2014, foram Costa Rica, México e Brasil, ocupando, respectivamente, as 12^a, a 14^a e a 16^a posições no *ranking* geral. A felicidade nesses países aparentou estar fortemente relacionada ao PIB *per capita*, ao apoio social e à saúde e expectativa de vida.

Em termos de mudança no nível de felicidade, de 2012 a 2014, os países latino-americanos que apresentaram maior incremento na felicidade foram Nicarágua, Equador, Paraguai, Peru, Chile, Uruguai e México, respectivamente. Os que apresentaram maior decréscimo na felicidade foram Jamaica, Honduras e República Dominicana. O Brasil ocupou o 23^o lugar em termos de melhora no nível de felicidade no *ranking* global.

Já o Instituto *Gallup* mensurou como as pessoas vivem suas vidas por meio de 10 perguntas sobre experiências positivas e negativas. As 5 experiências positivas incluem sentir-se bem descansado, sorrir, alegria e felicidade, sentir-se respeitado e aprender ou fazer algo interessante. As 5 experiências negativas abrangem estresse, tristeza, dores físicas, preocupação e raiva. Dessa forma, o instituto publicou, no terceiro *International Day of Happiness* das Nações Unidas, o *Positive Experience Index 2014*, um *ranking* dos países com mais experiências positivas, tendo entrevistado pelo menos 1000 pessoas em cada país. Dentre os 143 países abordados, os 10 mais felizes, segundo tal estudo, seriam Paraguai, Colômbia, Equador, Guatemala, Honduras, Panamá, Venezuela, Costa Rica, El Salvador e Nicarágua, todos latino-americanos. Em comparação com o índice de 2011, verifica-se uma inclusão de países latinos no grupo *top 10*: em 2011 os 5 primeiros lugares foram ocupados por Paraguai, Venezuela, Panamá, Costa Rica e Colômbia, mas nas próximas posições encontravam-se países como Suíça, Filipinas e Kuwait. Os três países mais infelizes atualmente seriam Iraque, Irã e Camboja.

O Brasil, por sua vez, ficou na 50^a colocação no último *ranking*, apresentando um incremento, em termos de experiências positivas, desde 2011, onde ocupava a 56^a posição.

Apesar do estudo de experiências positivas e negativas ser feito, no mínimo, desde 2006 pelo Instituto *Gallup*, nem sempre foi apresentado um *ranking* a partir desses levantamentos. No entanto, pode-se constatar que os países com maior incremento em experiências positivas, desde 2011, foram Singapura, Afeganistão e

Madagascar, enquanto os com maior decrescimento foram Tailândia, Tanzânia e Níger.

3.4. *Legatum Prosperity Index*

Prosperidade refere-se à qualidade ou estado de próspero que, por sua vez, significa ditoso, feliz, venturoso, bem-sucedido. Entendendo prosperidade como um progresso de felicidade, o *Legatum Prosperity Index* é uma iniciativa de definição de prosperidade como uma combinação de riqueza e bem-estar. Tal *Index* se constitui em um *ranking* anual de prosperidade, desenvolvido pelo *Legatum Institute*, para 142 países.

De acordo com o *Prosperity Index*, a prosperidade é explicada por 89 variáveis, divididas em 8 pilares principais: economia, estágio e oportunidade, governo ou governança, educação, saúde, segurança e proteção, liberdade pessoal e capital social. Cada pilar apresenta seus respectivos subíndices, e as variáveis apresentam pesos diferentes dentro de cada subíndice. O índice mensura o efeito de cada pilar no crescimento econômico (renda) e no bem-estar.

Esse índice foi construído anualmente, a partir de 2009, e seus principais resultados gerais, publicados em 2014, retratam algumas mudanças no cenário mundial. Primeiramente, a Nova Zelândia subiu para a 3ª posição no *ranking* de prosperidade e isso se deve, principalmente, a um grande aumento nos subíndices de capital social e liberdade pessoal. Ainda, foi constatado que a China avançou para a 6ª colocação no subíndice de economia, no entanto, apresentou queda em termos de liberdade pessoal, ocupando o 117º lugar. A Rússia foi o país que mais caiu em termos de prosperidade na Europa, ocupando atualmente a 68ª posição geral no índice. Os Estados Unidos subiram para a 10ª colocação no índice de prosperidade, subiram para 17º no subíndice de economia, porém apresentaram declínio em termos de liberdade pessoal, ocupando o 21º lugar nesse subíndice. Dentro da América Latina, a Venezuela ganhou destaque sendo o país que mais declinou no ano de 2014, 22 lugares, ocupando agora a 100ª posição no índice. Tal resultado foi efeito de enormes quedas em termos de economia, liberdade pessoal e capital social. A Síria apresentou um declínio dramático em termos de prosperidade, resultado da grande queda nos subíndices de governo e liberdade pessoal, efeito já esperado graças aos acontecimentos recentes no país. De forma geral, o Reino

Unido é extremamente amigável para empreendedores e Serra Leoa apresenta o pior desempenho no subíndice de saúde.

No *Prosperit Index* divulgado em 2014, os sétimos primeiros lugares no *ranking* mundial de prosperidade foram ocupados, respectivamente, pela Noruega (1º colocado), Suíça, Nova Zelândia, Dinamarca, Canadá, Suécia e Austrália. Os últimos colocados foram a República Centro-Africana, em 142º lugar, o Chade e a República Democrática do Congo, em 141º e 140º lugar, respectivamente.

Na América, alguns fatos se destacam como, por exemplo, o dos Estados Unidos apresentarem uma grande dificuldade de progredir em termos de liberdade pessoal, ocupando o 21º lugar nesse subíndice, enquanto o Canadá ocupa o 5º lugar, o Uruguai o 8º e a Costa Rica o 15º. A economia jamaicana está em declínio desde 2009, fazendo com que o país caísse vinte posições nesse subíndice. Trindade e Tobago foi considerado o país mais prestativo do continente, apresentando o maior percentual de pessoas que declararam já terem ajudado um estrangeiro. O Brasil, por sua vez, demonstra ser o país mais “cansado” de todo o continente americano. Apenas 59% das pessoas entrevistadas em 2013 se consideraram devidamente descansadas, contra uma média mundial de 67%.

Dentre os países da América Latina, o que obteve maior destaque no índice de 2014 foi o Uruguai, ocupando a 30ª posição no *ranking* geral de países. Dessa forma, foi o último país a ser considerado em um nível alto de prosperidade e as causas desse resultado giram em torno do seu bom desempenho nos subíndices de segurança e proteção e de liberdade pessoal. E, ainda, Uruguai e Brasil constituem os dois países com maior tolerância com relação a imigrantes dentre os países latino-americanos.

Na última e mais recente versão do *Legatum Prosperity Index*, divulgada em 2015, os principais resultados gerais encontrados foram que Singapura subiu para o 1º colocado no subíndice de Economia; os Estados Unidos estão cada vez mais perigosos, apresentando uma violência política equiparada à da Arábia Saudita; o Reino Unido é um crescente líder em estágios e oportunidades, passando do 8º lugar em 2014 para o 6º em 2015 neste subíndice; Canadá, Noruega, Nova Zelândia, Islândia e Irlanda são os países mais tolerantes em relação a imigrantes; o mundo se tornou um lugar mais perigoso desde 2009, havendo quedas dramáticas no subíndice de segurança e proteção na África, no Oriente Médio e em todas as outras regiões, exceto na Europa. Tal resultado pode ter sido motivado pelo

aumento da tensão, da violência e do número de pessoas querendo deixar seus países para fugir desse cenário .

No último *Prosperity Index* divulgado em 2015, os sétimos primeiros lugares no *ranking* mundial de prosperidade foram ocupados, respectivamente, pela Noruega (1º colocado), Suíça, Dinamarca, Nova Zelândia, Suécia, Canadá e Austrália, configurando o mesmo grupo *top 7* de 2014. Os últimos colocados foram Haiti, Afeganistão e República Centro-Africana, ocupando, respectivamente, os 140º, 141º e 142º lugares.

Com relação ao continente americano, os principais resultados indicam que a governança é a categoria de menor pontuação (das oito categorias dentro do *Index*), e tem sido desde 2013. Além de questões ligadas ao governo, desafios relativos a segurança e proteção são evidentes em toda a região e é provável que dominem grande parte do debate político, segundo os dados levantados.

O fraco desempenho em governança é liderado principalmente pelos países da América Latina e do Caribe. Além da Venezuela e do Haiti apresentarem alguns dos mais baixos níveis de governança do mundo, posições 138ª e 139ª ranking, respectivamente; Bolívia (97ª), Argentina (104ª), e Paraguai (114ª) também destacam o mesmo problema, que se estende por toda a região. A Venezuela apresentou o terceiro maior declínio em governança no mundo desde 2009 (atrás apenas da Tunísia e Síria), e a Argentina mostrou o terceiro maior declínio desde o ano passado, 2014.

O fracasso dos governos em abordar questões de segurança tem sido demonstrado pela recente agitação nos EUA e no Brasil, os quais têm contribuído para o mau desempenho da região no sub-índice governança. Problemas de segurança e proteção continuam a representar uma grande ameaça nas Américas: é o segundo subíndice de pior desempenho e a região assiste a um declínio desde 2009. O desempenho dos EUA neste indicador tem contribuído para esta tendência.

O subíndice de segurança e proteção é a menor pontuação dos norte-americanos, em 33ª lugar, e tem sido consistentemente o menor do país desde 2009. Os EUA são o único país no *top 20* do Índice de Prosperidade que é classificado como fora do grupo *top 30* no subíndice de segurança e proteção. Além disso, desde 2013, os EUA registram algumas das mais altas taxas de roubo de propriedade no mundo: 17% dos cidadãos norte-americanos relatam terem sido

vítimas de roubo, taxa próxima à da registrada na Nicarágua, no Panamá e no Brasil, que é de 18%.

Ainda, o nível de violência patrocinada pelo Estado registrou nos EUA um nível de 3 (numa escala de 1 a 5), o equivalente a países como Venezuela, República Dominicana e El Salvador Talvez como um reflexo desses dados, cada vez menos pessoas se sentem seguras: apenas 74% das pessoas relatam se sentirem seguras andando sozinhas à noite, taxa tão baixa como no Egito e na Sérvia.

Com relação ao desempenho do individual do Brasil, no *Prosperity Index* de 2014 observa-se uma tendência de queda no seu nível de prosperidade comparando os resultados de 2009 a 2014. Em 2009 o país ocupava a posição 45ª no *ranking* geral, para o total inicial de 110 países contemplados no índice, enquanto em 2014, para um total de 142 países, o país atingiu a 49ª posição geral, resultando em queda relativa aos demais países. Comparando a performance brasileira nos subíndices para o período de 2012 a 2014, nota-se que o país apresentou piora em todos os resultados, ou seja, o Brasil apresentou deterioração em todos os oito pilares constituintes da prosperidade. Destacando as situações mais agravantes, com a maior queda apresentada durante o período, tem-se a da educação e do governo, seguida pela situação da saúde pública. Com relação aos resultados relacionados ao último índice, o melhor desempenho do Brasil foi no subíndice de liberdade pessoal, ocupando a 27ª posição geral. No entanto, os subíndices de pior desempenho são preocupantes: educação e segurança, ambos apresentando a 86ª colocação no *ranking* mundial.

No *Index* de 2015, que abrangeu 142 países, o Brasil ocupou o 54º lugar global mostrando uma queda de cinco posições desde o ano passado. O melhor desempenho atual do Brasil é no subíndice de liberdade pessoal, onde ocupa a 41ª em 2015. A posição mais baixa ocupada pelo país atualmente está no subíndice de segurança e proteção e educação, em que ocupa, respectivamente, as 85ª e a 84ª posições em 2015.

No que diz respeito a países latino-americanos, a Argentina ocupa o 47º lugar global no *Prosperity Index* de 2015, tendo caído em um só lugar desde o ano passado. O melhor desempenho deste país está no subíndice de liberdade pessoal, onde ocupa a 30ª posição atualmente e sua classificação mais baixa é no subíndice de governança, em que ocupa a 104ª posição em 2015.

Já o Chile ocupa a 33ª posição global em 2015, tendo mantido o seu lugar desde o ano passado. O melhor desempenho deste país está no subíndice de liberdade pessoal, onde ocupa a 24ª posição em 2015. O desempenho mais baixo do Chile está no subíndice de educação, onde ocupa a 64ª posição atualmente.

Por fim, o México se encontra em 67º lugar globalmente *Prosperity Index* 2015, apresentando uma queda de três lugares desde o ano passado. O seu melhor desempenho está no subíndice de economia, onde ocupa a 42ª posição. A sua menor classificação está no subíndice de segurança e proteção, em que ocupa a 103ª posição em 2015.

3.5. Happy Planet Index

O *Happy Planet Index (HPI)*, desenvolvido pelo *New Economics Foundation (NEF)*, tem como pilar dois axiomas: vidas longase saudáveis são almejadas ao redor do mundo e não devem ser privilégio apenas da geração atual, mas também de gerações futuras. Tendo como objetivo apontar o que é “realmente valioso para os seres humanos e para o planeta” e determinante para o verdadeiro progresso, o HPI foca no bem-estar, em termos de uma vida longa, feliz e significativa, e no nível de consumo de recursos naturais. Em outras palavras, é um índice que mede o bem-estar sustentável, ou seja, a eficiência dos países em produzir vidas longas e felizes para seus habitantes, mantendo, ainda, as condições necessárias para que as próximas gerações possam fazer o mesmo. Dessa forma, o índice, calculado para 151 países para os anos de 2006, 2009 e 2012, incorpora três indicadores: bem-estar subjetivo reportado, expectativa de vida e pegada ecológica, que mede o consumo de recursos naturais. O bem-estar subjetivo reportado é obtido por meio da base de dados do *Gallup World Poll*: mediante a aplicação de questionário, pede-se que o respondente represente, numa escala de 0 a 10, a melhor vida possível. A expectativa de vida, por sua vez, é obtida através da base de dados do Relatório de Desenvolvimento Humano do PNUD 2011. Já a pegada ecológica é promovida pela organização ambiental WWF como uma medida do consumo de recursos. É uma medida *per capita* da quantidade de terra necessária para sustentar os padrões de consumo de um país, medido em termos de hectares globais (g ha) que representam um hectare de terra com a biocapacidade média produtiva.

O último HPI, denominado *The (Un)happy Planet Index 3.0*, confirma um resultado já mostrado nos índices anteriores: o de que o planeta como um todo

ainda não é feliz, já que nenhum país atingiu um nível alto e, ao mesmo tempo sustentável, de bem-estar. Ainda, apenas nove países estão próximos de alcançar tal meta, sendo oito deles localizados na América Latina e no Caribe. Além disso, mostra que o maior *ranking* na Europa Ocidental é ocupado pela Noruega, em 29º lugar geral, estando logo após a Nova Zelândia, em 28º lugar, e que os Estados Unidos ocupam 105ª posição no *ranking* mundial, para um total de 151 países. Nesse contexto, pode-se afirmar ainda que o HPI demonstra como a posição dos países considerados de alta renda declina consideravelmente graças às suas enormes pegadas ecológicas.

Tendo em vista que uma pontuação de 89 no HPI indica um país feliz, o país melhor colocado, em primeiro lugar no último índice divulgado, foi a Costa Rica, com um *ranking* de 64 pontos. Em seguida tem-se o Vietnã (60.4), Colômbia (59.8), Belize (59.3), El Salvador (58.9), Jamaica (58.5) e Panamá (57.8). Os três piores colocados foram, respectivamente, Botswana (22.5), Chade (24.7) e Qatar (25.2). Já a média mundial foi de 42.5 pontos no último *ranking*.

Além disso, a média referente à América Latina no último *ranking* foi de 54.3, 11.8 pontos acima da média mundial. Como visto, a maior pontuação no índice geral foi obtida pela Costa Rica (64 pontos). Dentre os países latinoamericanos, destacaram-se pelas altas pontuações, como menciona anteriormente, Colômbia (59.8), Belize (59.3), El Salvador (58.9), Jamaica (58.5) e Panamá (57.8). Países como Argentina (54.1), Chile (53.9) e México (52.9) apresentaram resultados medianos dentro do bloco. Já Paraguai (45.8), Bolívia (43.6) e Uruguai (39.3) ocuparam os últimos lugares dentro da América Latina.

No que se refere ao Brasil, sua pontuação e seu *ranking* foram, respectivamente, de 48.6 e 63º no primeiro HPI divulgado, seguido de 61 pontos e 9º lugar no segundo e, finalmente, 52.9 pontos no terceiro, ocupando o 21º lugar no último *ranking* mundial. Com base nos dados apresentados nas três versões do índice, pode-se observar que a expectativa de vida dos brasileiros vem aumentando, enquanto a pegada ecológica do país também aumenta, mostrando que se consome cada vez mais recursos naturais. Já a satisfação com a vida reportada pelos brasileiros aparentou um pequeno incremento de 5% de 2006 a 2012.

3.6. Gallup-Healthways Global Well-Being Index

O *Gallup-Healthways Global Well-Being Index* é um barômetro global desenvolvido para medir a percepção dos indivíduos sobre suas próprias vidas, ou seja, os aspectos que definem o que pensam de suas experiências e vidas diárias. O índice foi elaborado em 2013 e 2014 para 145 países. Em sua última versão, contou com 133.394 entrevistas, realizadas de janeiro a dezembro de 2013. O *Global Well-Being Index* é composto por 10 perguntas, elencadas nas pesquisas do *2013 Gallup World Poll*, e analisa o bem-estar sob cinco óticas elementares: social, financeira, física, de propósito e de comunidade.

O bem-estar relacionado ao propósito é entendido como gostar do que se faz todo dia e sentir-se motivado para alcançar seus objetivos. Com relação à ótica social, espera-se mensurar se o indivíduo pode contar com relações solidárias e amorosas em sua vida. Sob a ótica física, apresentar uma boa saúde e energia para executar as tarefas diárias é o esperado. No quesito comunidade, entende-se que o bem-estar está relacionado com gostar de onde se vive, sentir-se seguro e ter orgulho de sua comunidade. Finalmente, o bem-estar financeiro é entendido como saber administrar a vida econômica pessoal em prol da redução do estresse e da garantia de segurança.

Nesse sentido, o índice mede, com base nas respostas dos participantes, a percentagem de pessoas que se encontra em prosperidade, se esforçando ou sofrendo em cada um dos cinco pilares, em cada país. O *ranking* final é construído com base na percentagem de pessoas que se encontram em prosperidade em três pilares ou mais, em cada país, possibilitando, assim, diversas comparações internacionais.

De acordo com a última mensuração, divulgada em 2014, os 10 países com o nível mais alto de bem-estar são Panamá (em primeiro lugar), Costa Rica, Porto Rico, Suíça, Belize, Chile, Dinamarca, Guatemala, Áustria e México. Contrariamente, Afeganistão (em último lugar), Butão, Camarões, Togo e Tunísia apresentam os piores níveis de bem-estar segundo tal índice.

O continente americano, apesar de suas diversidades e contradições, está acima da média mundial em todas as categorias de bem-estar, tendo o bem-estar social como o de melhor performance e maior relevância. Entretanto, por apresentar o maior nível de desigualdade de renda do mundo, o bem-estar financeiro é o elemento em que os indivíduos estão mais sofrendo. Nota-se um grande destaque no desempenho dos países da América Latina no *Well-Being Index*, uma vez que

Panamá, Costa Rica e Porto Rico ocupam as três melhores colocações neste *ranking*. Analisando os três países, observa-se que possuem características bastante semelhantes que explicam tais colocações: com exceção do bem-estar financeiro, todos os outros quatro, físico, social, de propósito e comunidade são robustos e prósperos.

Por sua vez, o Brasil ocupa o 15º lugar no *ranking* geral dos 145 países, contudo, o que mais chama atenção no cenário do país é a quantidade de pessoas sofrendo em termos de bem-estar financeiro.

Cerca de 41% dos brasileiros são considerados em nível de sofrimento financeiro, valor mais elevado de sofrimento que em qualquer outra categoria de bem-estar dentro do país. Não obstante, tal valor é também significativamente maior do que a média de sofrimento regional, para as Américas em geral é de 30%. Tal fato merece destaque, pois o Brasil era, até alguns anos atrás, considerado a maior história de sucesso econômico da América Latina.

A economia do Brasil desacelerou acentuadamente desde 2011, depois de um *boom* de 10 anos, forçando o governo a cortar projetos de infraestrutura, ao mesmo tempo em que gastava somas consideráveis para sediar os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo. O resultado foi um cenário de aumento de preços e serviços públicos pobres. Assim, apesar do sucesso do governo em tirar milhões de brasileiros da pobreza extrema com a ajuda de programas de transferência de renda e de bem-estar, como o Bolsa-Família, há muito progresso ainda a ser feito para abordar as desigualdades econômicas e estruturais.

Em contraste com o aspecto financeiro, os brasileiros são mais propensos à prosperidade no bem-estar social, em 52%, maior do que em qualquer outro elemento. Tal resultado também vale para a América em geral (43%), o que implica que os laços estreitos com a família e amigos são predominantes em toda a população americana.

Com relação ao bem-estar físico, 44%, da população brasileira está prosperando nessa categoria, ficando, também, acima da média americana de 36%. No que tange o bem-estar em comunidade, os brasileiros estão mais próximos da média da América: 41% contra os 37% regionais. Segundo a ótica de propósito de vida, o Brasil apresenta um percentual de 45% dos indivíduos em prosperidade, em oposição ao de 37% da América como um todo.

De acordo com os resultados obtidos pelo *Well-Being Index*, os maiores desafios e oportunidades enfrentados pelo Brasil seriam, além de incrementar o bem-estar financeiro, concentrar investimentos em infraestrutura pública e sustentar o progresso visto em outras áreas do bem-estar.

3.7. *Better Life Index*

O *Better Life Index* constitui uma iniciativa, por parte da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), de estudos além dos “frios números do PIB”. A fim de analisar e comparar o bem-estar entre países, o indicador é baseado em 11 tópicos identificados pela OCDE como essenciais para o bem-estar, nas áreas de condições materiais e qualidade de vida. Moradia, renda, emprego, comunidade, educação, meio ambiente, engajamento cívico, saúde, satisfação com a vida, segurança e equilíbrio entre trabalho e lazer são, então, considerados como primordiais para uma vida melhor.

O índice foi divulgado para os anos de 2013, 2014 e 2015 para 36 países. Segundo os resultados mais atuais, Austrália, Noruega, Suíça e Suécia ocupam as melhores posições, enquanto a Grécia ocupa a última posição no *ranking*, considerando os 11 tópicos com igual relevância para o bem-estar.

Levando em conta o continente americano, o indicador analisou o Canadá, os Estados Unidos, o México, o Chile e o Brasil. O Canadá ocupou o primeiro lugar, seguido dos Estados Unidos. O México foi o pior colocado, enquanto o Chile ocupou o penúltimo lugar e o Brasil, por sua vez, ocupou uma posição intermediária dentro do continente.

No que diz respeito ao Brasil, observa-se um significativo progresso na última década em termos de melhoria da qualidade de vida dos seus cidadãos, tendo visto um histórico de crescimento inclusivo e redução da pobreza. Não obstante, o Brasil apresenta um bom desempenho em apenas algumas medidas de bem-estar no *Better Life Index* em relação à maioria dos outros países. O país apresenta resultado acima da média no bem-estar subjetivo e no equilíbrio entre vida profissional e social, mas abaixo da média em engajamento cívico, habitação, qualidade do ambiente, estado de saúde, segurança pessoal e educação e competências. De acordo com esse quadro, nota-se uma renda familiar *per capita* bastante abaixo da média da OCDE (US\$ 25.908 por ano), apenas 45% dos adultos, com idade entre 25 e 64 anos, completaram o ensino médio (a média da OCDE é de 75%) e a

expectativa de vida é de 74 anos, também abaixo da média da OCDE de 80 anos. No entanto, o Brasil apresenta uma taxa de emprego 2% maior que a média da OCDE e o senso de comunidade, ou seja, ter pessoas em quem confiar em momentos de necessidade, é também maior que a média. A satisfação com a vida reportada pelos brasileiros ultrapassa em 4% a média geral dos países observados.

3.8. World Values Survey (WVS)

A WVS, conforme bem definido por Corbi e Menezes-Filho (2006), é uma “investigação de mudanças socioculturais, econômicas e políticas, resultado da união de pesquisas nacionais representativas das convicções e valores das pessoas em mais de 65 sociedades de todos os continentes”. Essas pesquisas são conduzidas por meio da aplicação de questionários a amostras representativas (mínimo de 1.000 observações) das populações em questão, desde 1990. A pergunta que mede a felicidade é:

“Em geral, você diria que é: muito feliz, feliz, não muito feliz ou infeliz?”

A WVS não divulga qualquer *ranking* ou classificação para os países estudados, mas sim uma base de dados completa e consistente sobre as crenças e valores, distribuídos em 265 variáveis, dos habitantes de cada país. No entanto, apesar de não comparar países, elabora um relatório relacionando os principais resultados obtidos para cada um. É importante levantar que nem sempre todos os países abordados em uma *wave* são contemplados nas outras.

A 5ª *wave* (2005-2009) da WVS compreendeu 58 países. O país com o maior percentual de pessoas muito felizes foi o México, com 58,3%, e o que relatou maior índice de infelizes foi o Iraque, com 17,1%.

A 6ª e última *wave* (2010-2014) abrangeu um total de 60 países. O país que relatou o maior percentual de pessoas muito felizes foi, novamente, o México, com 67,5%, e o que relatou maior índice de infelicidade foi o Bahrein, com 6,6%.

No que diz respeito aos países da América Latina abordados, observou-se um incremento da felicidade da *wave* 5 para a *wave* 6: 4,2% mais dos respondentes se consideraram muito feliz e o percentual de não muito felizes e infelizes diminuiu em 2% e 0,2%, respectivamente. Apenas o Chile aparentou uma diminuição no percentual de pessoas muito felizes, em 6,1%, e o Brasil e o Uruguai,

particularmente, apresentaram aumento no percentual de habitantes infelizes (0,2% e 0,4%, respectivamente).

Tabela 1 – Resultados da wave 5 do *World Values Survey*

| Wave 5 (2005-2009) | | | | | | |
|---------------------------|--------------|------------------|---------------|--------------|---------------|----------------|
| | TOTAL | Argentina | Brasil | Chile | México | Uruguai |
| Muito feliz | 38.8% | 32.4% | 34.0% | 30.5% | 58.3% | 30.3% |
| Feliz | 48.7% | 55.2% | 56.4% | 49.0% | 32.4% | 55.6% |
| Não muito feliz | 11.0% | 9.9% | 8.8% | 18.6% | 8.3% | 11.9% |
| Infeliz | 1.1% | 1.4% | 0.6% | 1.8% | 0.7% | 1.7% |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados disponibilizados pela WVS para o período.

Tabela 2 – Resultados da wave 6 do *World Values Survey*

| Wave 6 (2010-2014) | | | | | | |
|---------------------------|--------------|------------------|---------------|--------------|---------------|----------------|
| | TOTAL | Argentina | Brasil | Chile | México | Uruguai |
| Muito feliz | 43.0% | 33.3% | 35.2% | 24.4% | 67.5% | 34.2% |
| Feliz | 46.7% | 53.1% | 56.8% | 60.1% | 26.8% | 51.8% |
| Não muito feliz | 9.0% | 11.6% | 7.2% | 14.4% | 5.3% | 11.4% |
| Infeliz | 0.9% | 1.0% | 0.8% | 0.8% | 0.4% | 2.1% |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados disponibilizados pela WVS para o período.

De acordo com a última wave do WVS (2010 a 2014), tendo entrevistado 1486 de pessoas no Brasil, 87% dos brasileiros consideram a família muito importante para suas vidas, 50% classificaram os amigos como importantes, 29,6% consideram a política não muito importante, 63,6% consideram o emprego como muito importante, 47% se consideraram gozando de boa saúde, 35,9% confiam no governo federal, contra 31,5% que não confiam “nem um pouco”, e 51% declarou não confiar no Congresso Nacional (Câmara e Senado). 92,2% declararam não ter confiança na maioria das pessoas. Ainda, 56,8% da população brasileira se considerou feliz.

Na Argentina, com 1030 entrevistados na wave 6 (2010 a 2014), 88,9% dos entrevistados consideram a família muito importante para suas vidas, 53,9% declararam que os amigos são muito importantes, 34,9% consideram a política não muito importante, 57,4% consideram o emprego como muito importante, 46,4% se

consideraram gozando de boa saúde, 77,5% afirmou não confiar na maioria das pessoas e 38,3% dos argentinos afirmaram não poderem confiar no governo. Ainda, 53,1% dos entrevistados se considerou feliz.

Para o Chile, com 1000 respondentes, os resultados da wave 6 (2010 a 2014) mostram que 91,7% dos entrevistados consideram a família muito importante para suas vidas, 35,1% consideraram os amigos como muito importantes, enquanto 43,6% consideraram importantes; 40,8% dos chilenos classificaram a política como não muito importante, 56,3% consideram o emprego como muito importante, 53,7% dos chilenos declararam estar gozando de boa saúde, 84,7% dos respondentes declararam não poder confiar na maioria das pessoas, 39,6% afirmaram não poderem confiar muito no governo chileno. Ainda assim, 60,1% dos chilenos se consideram felizes.

Com relação ao México, considerado o país mais feliz, foram entrevistadas 2000 pessoas para a composição da 6ª wave. Desse total, 97,6% consideraram a família como muito importante em suas vidas, 39,4% consideraram os amigos como importantes, 31,8% consideraram a política como não muito importante, 87% classificaram o emprego como muito importante, 46,6% declararam estarem gozando de boa saúde, 87,4% dos respondentes afirmaram não poder confiar nas pessoas, 35% dos mexicanos declararam não terem muita confiança no governo federal frente a 28,7% que declararam confiar. Entre os mexicanos, 67,5% se declararam muito felizes, constituindo o maior percentual da wave 6 da WVS.

No que diz respeito ao Uruguai, a wave 6 da WVS contou com 1000 entrevistados. Desse total, 88,7% consideraram a família muito importante em suas vidas, 51,4% consideraram os amigos também como muito importantes, 36,8% consideraram a política nada importante, 63,7% consideraram o emprego como muito importante, 54,6% declararam estar gozando de boa saúde, 76,7% afirmou não poder ter confiança nas outras pessoas e 41,8% declararam poder confiar no governo federal. Ainda, 51,8% dos uruguaios se consideraram felizes.

3.9. Well Being Brasil (WBB)

Conforme o crescente incentivo à criação de indicadores de bem-estar não apenas internacionais, mas também nacionais, a Fundação Getúlio Vargas, unida ao *MyFunCity* e Movimento Mais Feliz, criou um índice de bem-estar brasileiro, com resultados apenas para a cidade de São Paulo até então. O WBB considera 68

indicadores de bem-estar, separados em 10 variáveis: meio ambiente, transporte e mobilidade, família, redes de relacionamento, vida profissional e financeira, educação, poder público, saúde, segurança e consumo.

A primeira e única pesquisa do WBB foi realizada entre os dias 10 e 30 de novembro de 2013, para uma amostra de 786 habitantes da cidade de São Paulo. Os seus principais resultados indicam que a vida profissional e financeira é o elemento mais relevante para explicar o bem-estar individual. Em seguida, tem-se a saúde e a família. A variável menos relevante para o bem-estar, segundo os *ratings* da pesquisa, foi a de redes de relacionamento.

Deve-se considerar que, talvez, tais resultados sejam específicos para a cidade de São Paulo, não cabendo a sua generalização para a população brasileira com um todo. Contudo, em termos de satisfação, os paulistas mostraram-se mais satisfeitos com família e redes de relacionamento e extremamente insatisfeitos com a variável de poder público. Assim, a variável família foi a de melhor desempenho geral no índice, enquanto a de poder público apresentou a pior performance.

Dentro da variável família, os indicadores de maior relevância foram relação com os filhos, relação com os pais e conforto em casa, sendo também os que apresentaram maior satisfação declarada. Já com relação ao poder público, os paulistas consideraram o funcionamento da justiça e a atuação do governo estadual e federal de maior importância para suas vidas, sendo estes também os indicadores que apresentaram maior satisfação declarada.

Finalmente, pode-se resumir os resultados gerais do primeiro WBB: com relação ao meio ambiente, nível de barulho e qualidade do ar são os aspectos que mais interferem de forma negativa na vida do paulistano; tempo gasto no trânsito e qualidade do transporte público são as principais insatisfações em relação à mobilidade; apesar de pouco tempo para a família, ela é o que mais contribui para o bem-estar do paulistano; referindo-se a redes de relacionamento, viajar é o maior desejo; sobre a vida profissional e financeira, o trabalho traz muita satisfação, mas poupar é um grande desafio; com relação à educação, a satisfação é maior nas universidades particulares do que nas públicas; dentre os poderes públicos, o legislativo é a maior fonte de insatisfação para o paulistano; a saúde pessoal e vida sexual vão bem, mas a rede pública de saúde vai mal; nível de violência e trabalho da polícia são pessimamente avaliados em São Paulo; com relação ao consumo,

planos de saúde, relação com financeiras e provedores de serviços de TV interferem de forma negativa no bem-estar do paulistano.

Conforme os incentivos internacionais quanto à criação de indicadores de felicidade para cada país, entendeu-se que não bastava replicar indicadores já conhecidos, uma vez que o povo brasileiro possui características próprias que devem ser consideradas. Nesse sentido, o WBB apresenta-se, então, como o primeiro e único índice focado na mensuração da felicidade especificamente dos brasileiros, sendo de extrema relevância para o desenvolvimento dos estudos sobre a felicidade no país. No entanto, ainda existem certas limitações ligadas a este indicador, que dizem respeito a sua abrangência e representatividade. Como até agora efetuou-se apenas um estudo sobre a cidade de São Paulo, o índice ainda não é capaz de medir a felicidade do país. Ainda assim, mesmo quanto à felicidade dos paulistanos, levando em consideração que a cidade de São Paulo abarca 11,9 milhões de habitantes (IBGE, 2014) e o índice contemplou apenas 786 habitantes, pode-se levantar a questão de que os resultados obtidos podem não indicar com precisão a realidade dessa população. Dessa forma, apesar de sua baixa representatividade e abrangência em relação à própria população da cidade de São Paulo e, claramente, em relação à população brasileira, o WBB constitui um esforço de grande relevância para a mensuração de algo inédito no Brasil.

3.10. Comparações entre os índices globais de felicidade existentes

Neste capítulo foram apresentados, além do *Well Being Brazil (WBB)* e dos principais resultados da base de dados da *World Values Survey (WVS)*, 7 índices globais existentes para a mensuração e comparação da felicidade entre os países. Cada índice estabelece sua própria métrica, tida como a que melhor se adéqua, para medir a felicidade e, conseqüentemente, apresenta resultados distintos uns dos outros.

O *Human Development Index*, ou IDH, produzido pelo PNUD, abrange 187 países, desde 1990 até 2014, mensurando o bem-estar a partir dos níveis de escolaridade, PIB *per capita* e expectativa de vida. A partir deste indicador, o Brasil é 79º colocado no *ranking* mundial de bem-estar ou felicidade.

No que diz respeito ao *Positive Experience Index*, produzido pelo *Gallup Institute* para 143 países, de 2006 a 2014, a felicidade é medida de acordo com experiências positivas diárias vividas pelos respondentes (tais como sentir-se bem descansado, sorrir, alegria e felicidade, sentir-se respeitado, aprender ou fazer algo interessante). A partir deste índice, o Brasil é o 50º colocado no *ranking* mundial de felicidade.

O *World Happiness Report*, produzido por um grupo de estudiosos independentes, contemplando 158 países no período de 2012 a 2015, leva em conta PIB *per capita*, suporte social, saúde/expectativa de vida, liberdade de escolha, generosidade e percepção de corrupção dentro do país para mensurar a felicidade. Neste caso, o Brasil ocupa o 16º lugar no *ranking* mundial de felicidade.

O *Prosperity Index*, produzido pelo *Legatum Institute*, para 142 países durante o período de 2009 a 2014, abarca os seguintes pilares considerados relevantes para a mensuração da felicidade: estágio e oportunidades, economia, governança, educação, saúde, segurança e proteção, capital social e liberdade pessoal. De acordo com este índice, o Brasil ocupa a 54ª colocação no *ranking* geral de felicidade.

O *Happy Planet Index*, produzido pelo *New Economics Foundation* abrangendo 151 países nos anos de 2006, 2009 e 2012, considera o bem-estar subjetivo reportado, a expectativa de vida e a pegada ecológica como bases de mensuração da felicidade. Neste indicador, o Brasil ocupa a 21ª colocação mundial.

O *Global Well-Being Index*, da associação *Gallup-Healthways*, abrange 145 países para os anos de 2013 e 2014, considera o bem-estar social, o bem-estar financeiro, o bem-estar físico, os propósitos de vida e a comunidade como fundamentais para a felicidade. O Brasil ocupa a 15ª posição no *ranking* geral deste indicador.

Finalmente, o *Better Life Index*, produzido pela OCDE para 36 países, compreendendo o período de 2013 a 2015, considera moradia, renda, emprego, comunidade, educação, meio ambiente, engajamento cívico, saúde, satisfação com a vida, segurança e equilíbrio entre trabalho e lazer como importantes para a mensuração da felicidade. De acordo com este índice, que não apresenta um *ranking* final, mas apenas o nível de colocação do país, o Brasil se encontra em uma posição intermediária de felicidade em relação aos demais países.

A partir das análises anteriores, fica claro que o desempenho brasileiro em termos de felicidade varia de acordo com o indicador considerado. Os índices em que o Brasil apresentou melhor atuação foram o *Global Well Being Index* (15º lugar) e o *World Happiness Report* (16º lugar) e tal fato pode ser explicado pela inclusão de variáveis ligadas ao bem-estar social e apoio social, respectivamente. Já os indicadores em que o país apresentou pior desempenho foram o *Prosperity Index* (54º lugar) e o IDH (79º). Tal resultado pode ser explicado pelo fato desses índices levarem em conta questões sobre a educação e sobre o nível de escolaridade dentro de suas análises de felicidade.

Tabela 3 – Índices globais de felicidade

| Índice | Produção | Pilares | Anos | Países | Brasil |
|----------------------------------|----------------------------------|---|-------------------|--------|-----------------|
| <i>Human Development Index</i> | PNUD | <ul style="list-style-type: none"> • nível de escolaridade • PIB per capita • expectativa de vida | 1990-2014 | 187 | 79 ^o |
| <i>Positive Experience Index</i> | <i>Gallup Institute</i> | <ul style="list-style-type: none"> • sentir-se bem descansado • sorrir • alegria e felicidade • sentir-se respeitado • aprender ou fazer algo interessante | 2006-2014 | 143 | 50 ^o |
| <i>World Happiness Report</i> | Grupo de estudiosos independente | <ul style="list-style-type: none"> • percepção de corrupção • PIB per capita • suporte social • saúde/expectativa de vida • liberdade de escolha • generosidade | 2012-2015 | 158 | 16 ^o |
| <i>Prosperity Index</i> | <i>Legatum Institute</i> | <ul style="list-style-type: none"> • estágio e oportunidades • economia • governança • educação • saúde • segurança e proteção • capital social • liberdade pessoal | 2009-2014 | 142 | 54 ^o |
| <i>Happy Planet Index</i> | <i>New Economics Foundation</i> | <ul style="list-style-type: none"> • bem-estar subjetivo reportado • expectativa de vida • pegada ecológica | 2006, 2009 e 2012 | 151 | 21 ^o |
| <i>Global Well-Being Index</i> | <i>Gallup-Healthways</i> | <ul style="list-style-type: none"> • bem-estar social • bem-estar financeiro • bem-estar físico • propósito • comunidade | 2013-2014 | 145 | 15 ^o |

| | | | | | |
|--------------------------|------|--|-----------|----|---------------|
| <i>Better Life Index</i> | OCDE | <ul style="list-style-type: none"> • moradia • renda • emprego • comunidade • educação • meio ambiente • engajamento cívico • saúde • satisfação com a vida • segurança • equilíbrio entre trabalho e lazer | 2013-2015 | 36 | intermediário |
|--------------------------|------|--|-----------|----|---------------|

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados disponibilizados pelos índices.

4 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Este trabalho teve como método a coleta de dados por meio de questionários de elaboração própria (ver anexo). O período de aplicação dos questionários foi do dia 6 ao dia 23 de outubro de 2015, resultando em uma amostra composta por 319 observações e em uma base de dados original, contendo informações sobre as 37 variáveis explicativas e a variável de interesse principal. Dessa forma, nas subseções seguintes serão abordadas as descrições do questionário utilizado e das variáveis escolhidas, a exposição do público alvo componente da amostra e a consideração de possíveis vieses do trabalho.

4.1 Questionário e variáveis

O questionário aplicado para a elaboração do presente trabalho teve como base os questionários da *World Values Survey (WVS)* de 2014, investigação que defende a hipótese de que a maneira mais eficiente de medir a felicidade das pessoas é perguntando diretamente a elas. Assim, a variável principal de interesse, felicidade, foi captada por meio da seguinte pergunta:

Você se considera uma pessoa:

() Muito feliz () Feliz () Não muito feliz () Infeliz

Em consonância com o estudo de Layard (2005), que detectou que certos fatores como relacionamentos familiares, situação financeira, trabalho, comunidade e amigos, saúde, liberdade pessoal e valores pessoais afetam em maior grau a felicidade dos indivíduos, as 37 variáveis explicativas, a serem correlacionadas com a felicidade, foram agrupadas em 10 indicadores ou subgrupos principais para maior facilidade de análise e melhor compreensão dos dados. O conteúdo de cada indicador será descrito a seguir:

1. Características referentes a gênero e opção sexual: este subgrupo teve como intuito mapear o sexo do respondente e sua opção sexual.
2. Situação financeira: nesta subdivisão foram registradas informações sobre a renda (região onde mora, se possui carro próprio, se faz uso de transporte público, se trabalha ou faz estágio) e a satisfação com a renda familiar do respondente.
3. Relacionamentos: nesta subdivisão foram relacionadas noções sobre relacionamentos do respondente, tais como família, amigos, namorado(a) ou cônjuge.
4. Comprometimento socioambiental: nesta parte o intuito foi mapear o grau de engajamento do respondente com a sociedade e com o meio ambiente (a visão da relevância das próprias ações para a sociedade como um todo, a frequência com que interage com a natureza, se executa alguma ação cotidiana em prol da preservação ambiental ou se faz algum tipo de trabalho voluntário).
5. Saúde: neste subgrupo foram registradas informações com relação à saúde do respondente, também ligadas à prática de atividades físicas, consumo de bebidas alcoólicas e média de horas dormidas por noite.
6. Valores pessoais: nesta subseção foram incluídos fatores como crenças, satisfações ou insatisfações pessoais com relação a si mesmo ou às outras pessoas, religião e atributos psicológicos.
7. Tempo livre: nesta parte o objetivo foi traçar algumas características do respondente com relação ao seu tempo livre (a satisfação do respondente com seu tempo livre disponível, uso da internet e viagens).

8. Visão do Brasil: nesta subseção o intuito foi mapear questões relacionadas à situação atual do Brasil (segurança, visão do país e perspectivas futuras).
9. Desempenho no curso: este subgrupo visou entender como é o desempenho acadêmico do respondente.
10. Felicidade futura: esta subdivisão avalia quais as expectativas sobre a felicidade futura do respondente.

4.2 Público alvo componente da amostra

O público alvo desta pesquisa foi o grupo de estudantes matriculados no curso de graduação em Ciências Econômicas da Universidade de Brasília no 2º semestre do ano de 2015. Esse grupo é composto por 485 alunos de Economia, sendo 322 alunos do sexo masculino e 163 do sexo feminino. O presente trabalho atingiu uma amostra representativa e relevante de 319 respondentes, ou seja, 66% do total de alunos. Houve a preocupação em controlar a não repetição de alunos respondentes.

4.3 Risco de viés

É de suma importância avaliar os riscos de viés intrínsecos a este tipo de pesquisa. Ao utilizar-se o método de aplicação de questionários, deve-se considerar que o respondente pode preencher de forma não mais sincera possível as respostas ou mesmo enganar-se quanto ao teor das perguntas. Entretanto, mesmo sendo necessário ressaltar a dificuldade de estimação da felicidade em função de seu caráter subjetivo, pode-se entender que a maioria das pessoas tem conhecimento sobre seu apreço e satisfação pela própria vida de forma geral (CORBI E MENEZES-FILHO, 2006). Krueger e Schkade (2008), concluem que a confiabilidade de medidas padrão de bem-estar subjetivo, baseadas no auto relato é suficientemente alta para embasar os estudos sobre a felicidade. Sarracino (2013) e Corbi e Menezes-Filho (2006) afirmam que a melhor estratégia de acesso ao bem-estar subjetivo, ou seja, à felicidade, é perguntar diretamente às pessoas sobre a avaliação da qualidade de suas próprias vidas. Além do mais, segundo o *The World Happiness Report 2013* os entrevistados pelas pesquisas claramente reconhecem a diferença entre felicidade como uma emoção e felicidade no sentido de satisfação com a vida como um todo. Ainda, a Organização para a Cooperação e

Desenvolvimento Econômico (OCDE), em 2013, publicou um guia oficial de mensuração da felicidade para os países usando a metodologia de *surveys* ou questionários, contribuindo, assim, com a validação desse processo.

5 RESULTADOS

Os resultados empíricos deste trabalho serão apresentados no presente capítulo. Na subseção 5.1 serão apresentados brevemente os resultados gerais, de acordo com a variável principal de interesse, a felicidade declarada das pessoas.

Nas quatro próximas subseções serão apontados os perfis, obtidos por meio da análise dos dados coletados, para os quatro grupos de pessoas, separadas por semelhança de resposta à variável de interesse felicidade. Dessa forma, serão evidenciados o perfil dos grupos de pessoas que se declararam muito felizes, felizes, não muito felizes e infelizes.

Nas seguintes subseções, serão comparados os resultados principais entre o grupo de pessoas que se declararam felizes ou muito felizes e o grupo de pessoas que se reconheceram como não muito felizes ou infelizes e, por fim, será feita uma análise sobre os fatores que mais diferenciaram pessoas que se consideram muito felizes de pessoas declaradas apenas felizes.

5.1 Resultados gerais

O curso de graduação em Ciências Econômicas da Universidade de Brasília apresenta um total de 485 alunos matriculados no 2º semestre de 2015, sendo 322 alunos do sexo masculino e 163 do sexo feminino. A presente pesquisa abrangeu 66% desse total, contemplando uma amostra relevante e significativa de 319 questionários respondidos. Dentre as 319 observações, 197 são do sexo masculino e 122 do sexo feminino. Dessa forma, o presente trabalho apresentou um percentual de abrangência de 61% com relação aos alunos do sexo masculino e 75% com relação aos alunos do sexo feminino. Como resultados gerais em termos da variável de interesse tem-se que 25% dos alunos se declararam muito felizes, 61% se consideraram felizes, 11% não muito felizes e 3% dos alunos se reconheceram como infelizes.

5.2 Muito felizes

Dentre os alunos muito felizes, 67% são do sexo masculino, 33% são do sexo feminino e 93% são heterossexuais.

Sob a ótica financeira, 74% dos alunos possui carro próprio, 56% não faz uso de transporte público, 70% reside em áreas nobres de Brasília, como Plano Piloto, Lago Sul e Norte, Sudoeste e Noroeste, 57% trabalha ou faz estágio e 91% está satisfeito ou muito satisfeito com a renda de sua família.

No que diz respeito aos relacionamentos, que englobam fatores ligados à família, aos amigos e namorados(as) ou cônjuges, 83% dos alunos muito felizes moram com a família, 68% são filhos de pais ainda casados, 93% têm irmãos, 95% não são casados, 57% não namoram e 63% encontra os amigos pelo menos duas vezes na semana.

Com relação ao comprometimento socioambiental, 76% dos alunos muito felizes frequentam locais abertos ou praticam atividades ao ar livre, interagindo com a natureza, pelo menos uma vez a cada 15 dias, 73% desses alunos executam alguma ação cotidiana que ajude a preservar o meio ambiente, mas apenas 39% participa de alguma organização voluntária. 58% dos alunos auto declarados muito felizes consideram suas ações e atitudes relevantes para a sociedade como um todo.

Em termos de saúde, 98% dos estudantes declararam estarem gozando de saúde boa ou muito boa, 70% pratica atividades físicas regularmente, 79% dorme, em média, de 6 a 8 horas por noite e 63% consomem bebidas alcoólicas regularmente ou socialmente.

Deve-se considerar, ainda, os valores pessoais, que incluem fatores como crenças, satisfações ou insatisfações pessoais com relação a si mesmo ou às outras pessoas, religião e características psicológicas. Nesse contexto, dentre os alunos muito felizes, 96% apresentam uma visão boa ou muito boa de si mesmos, 84% está satisfeito ou muito satisfeito com sua aparência física, 32% se consideram pressionados, 54% ansiosos, 22% estressados, 52% dos estudantes muito felizes acreditam que a maioria das pessoas tentaria ser justa com eles, 60% se declararam religiosos, dentre os quais 57% são católicos.

Com relação ao tempo livre, 52% dos estudantes muito felizes não consideram o tempo livre de que dispõem suficiente e, considerando a internet, 57%

desses alunos dispendem maior tempo em redes sociais. Ainda, 89% desse conjunto de alunos costuma viajar a lazer pelo menos 1 vez por ano.

No que diz respeito ao Brasil e à sua situação atual, 89% desses alunos se sentem seguros nos ambientes em que frequentam, mas no entanto, 71% consideram a visão que têm do país frente a países desenvolvidos como os europeus e os Estados Unidos não muito boa ou ruim e, além do mais, 64% avaliam as perspectivas futuras para o Brasil também como não muito boas ou ruins.

Dos alunos muito felizes, 98% esperam ser mais felizes no futuro e 82% avaliam seu desempenho no curso de Economia como satisfatório ou muito satisfatório.

5.3 Felizes

Dos estudantes que se avaliaram como felizes, 58% são do sexo masculino, 42% são do sexo feminino, 87% são heterossexuais e 7% são homossexuais.

Sob o aspecto financeiro, 54% desses alunos possuem carro próprio, 58% fazem uso de transporte público, 39% residem no Plano Piloto, 39% residem em cidades satélites, 56% não trabalham ou fazem estágio e 82% estão satisfeitos ou muito satisfeitos com a renda de sua família.

Sob a ótica de relacionamentos, 82% moram com os pais ou familiares, 69% são filhos de pais casados, 88% têm irmãos, 97% dos alunos não são casados, 52% também não namoram, 50% encontra os amigos pelo menos duas vezes na semana e outros 38% encontram os amigos pelo menos uma vez a cada 15 dias.

No que se refere ao engajamento socioambiental, 51% dos alunos acreditam que suas atitudes são relevantes ou muito relevantes para a sociedade, 57% praticam alguma atividade ao ar livre, em meio a natureza, pelo menos uma vez a cada 15 dias, 62% praticam alguma ação cotidiana em prol da preservação do meio ambiente, mas 66% desses estudantes não praticam qualquer tipo de atividade voluntária.

Com relação à saúde, 95% indicaram sua saúde como boa ou muito boa, 57% praticam atividades físicas regularmente, 72% dormem, em média, entre 6 a 8 horas por noite, 63% consomem bebidas alcoólicas no mínimo socialmente.

No que diz respeito aos valores pessoais, 85% avaliam a visão que têm de si mesmos como boa ou muito boa, 71% estão satisfeitos com sua aparência física, 44% se consideram pressionados, 72% se avaliaram como pessoas ansiosas, 39%

como estressados. 52% dos estudantes felizes acreditam que a maioria das pessoas tentaria ser justa com eles. 55% se declararam não religiosos e entre os religiosos, 55% são católicos.

Quanto ao tempo livre, 55% desses alunos consideram insuficiente o tempo livre de que dispõem, 77% gastam maior tempo em sites de notícias e redes sociais quando estão conectados à internet e 82% viajam a lazer pelo menos uma vez ao ano.

No que concerne o Brasil, 79% desses estudantes se sentem seguros nos ambientes em que frequentam, 75% apresentam uma visão não muito boa ou ruim do país em relação a países desenvolvidos e 62% também consideram as perspectivas futuras não muito boas ou ruins frente ao cenário atual do Brasil.

Dos alunos felizes, 96% esperam ser mais felizes no futuro e 69% apresentam desempenho pelo menos satisfatório no curso.

5.4 Não muito felizes

Dentre os alunos não muito felizes, 71% são do sexo masculino, 29% são do sexo feminino, 88% são heterossexuais e 12% são bissexuais.

Sob a ótica financeira, 62% não possuem carro próprio, 65% utilizam transporte público, 41% residem no Plano Piloto e 38% em cidades satélites, 53% se declararam satisfeitos com a renda familiar e 65% não trabalham ou fazem estágio.

Tendo em vista relacionamentos, 79% mora com pais ou familiares, 56% são filhos de pais ainda casados, 88% têm irmãos, 94% não são casados, 65% não namoram, 67% encontram os amigos pelo menos uma vez a cada 15 dias.

Focando o comprometimento socioambiental, 71% dos alunos não muito felizes enxergam suas ações como pouco relevantes ou irrelevantes para a sociedade em geral, 41% raramente frequentam locais abertos ou interagem com a natureza, 62% não executam qualquer atividade que promova a preservação ambiental, 76% não praticam qualquer ação voluntária.

Com relação à saúde, 97% desses alunos declararam estar gozando de saúde boa ou muito boa, 62% praticam atividades físicas regularmente, 47% dormem entre 6 a 8 horas por noite, 53% consomem bebidas alcoólicas pelo menos socialmente.

Em termos de valores pessoais, 47% apresentam uma visão não muito boa sobre si mesmo e não estão muito satisfeitos com sua aparência física, 62% se

sentem pressionados, 71 % ansiosos, 59% estressados, 59% acreditam que as pessoas tentariam levar vantagem sobre elas se tivessem oportunidade. 68% não são religiosos, dentre os religiosos, 64% são católicos.

No que tange a questão do tempo livre, 65% consideram seu tempo livre insuficiente, 64% gastam mais tempo em sites de notícias e redes sociais quando conectados a internet, 44% viajam pelo menos uma vez por ano a lazer, contra 35% que viajam raramente.

Com relação ao Brasil e sua imagem frente a outros países, 62% se sentem seguros nos lugares que frequentam, 66% consideram o país não muito bom ou ruim quando comparado a países desenvolvidos, 70% consideram as perspectivas futuras para o Brasil não muito boas ou ruins.

Dentre os estudantes não muito felizes, 91% esperam ser mais felizes no futuro e 44% apresentam desempenho satisfatório no curso, frente a 38% que apresentam desempenho pouco satisfatório.

5.5 Infelizes

Dentre os alunos que se declararam infelizes, 67% são do sexo masculino, 33% são do sexo feminino, 67% são heterossexuais e 22% são bissexuais.

No que tange a ótica financeira, 56% dos estudantes infelizes não possuem carro próprio, 67% faz uso de transporte público, 77% residem em áreas nobres de Brasília, 67% desses alunos estão satisfeitos ou muito satisfeitos com a renda de suas famílias, enquanto 33% estão insatisfeitos. 67% não trabalham ou fazem estágio.

No que diz respeito aos relacionamentos, 89% moram com pais ou familiares, enquanto 11% moram com namorado(a) ou cônjuge, 89% são filhos de pais casados, 100% têm irmãos, 100% não é casado, 67% não namora e 67% encontra os amigos raramente, menos de uma vez ao mês.

Em termos de engajamento socioambiental, 77% dos alunos infelizes consideram suas ações e atitudes pouco relevantes ou irrelevantes para a sociedade como um todo, 78% raramente (menos de uma vez por mês) frequenta lugares abertos, praticando atividades ao ar livre e interagindo com a natureza. Ainda, 56% desses alunos não vêem importância em praticar qualquer ação cotidiana que auxilie na preservação do meio ambiente e 89% também não participa de organizações voluntárias.

Sob a ótica da saúde, 66% dos alunos infelizes indicaram sua saúde como boa ou muito boa, 56% não praticam atividades físicas e 55% consomem bebidas alcoólicas regularmente ou socialmente.

No que diz respeito aos valores pessoais, 66% dos estudantes pertencentes a esse grupo têm uma visão ruim ou muito ruim de si mesmos e estão insatisfeitos com sua aparência física. 56% desses alunos se consideram pressionados, 100% se declararam ansiosos e 67% sofrem de estresse. 78% dos estudantes acreditam que a maioria das pessoas tentaria levar vantagem sobre eles se tivessem oportunidade. 56% não são religiosos e dentre os religiosos, 67% são católicos.

Quanto ao tempo livre, 56% consideram o tempo livre de que dispõem suficiente. Sobre o uso de internet somente 33% gastam maior tempo em sites de notícias e redes sociais, enquanto 67% investem seu tempo em jogos e outros tipos de atividades online. 55% desses alunos viajam a lazer pelo menos uma vez ao ano.

No que se refere à visão geral do Brasil, 56% se sentem inseguros nos ambientes que frequentam, 77% consideram o país não muito bom ou ruim em relação aos países europeus e Estados Unidos e, ainda, 78% avaliam como não muito boas ou ruins as perspectivas futuras para o Brasil.

Em meio aos alunos infelizes, apenas 67% esperam ser mais felizes no futuro e 55% apresentam desempenho satisfatório ou muito satisfatório no curso.

5.6 Influência dos subgrupos de variáveis nos níveis de felicidade

5.6.1 Características referentes a gênero e à opção sexual

Neste subgrupo vale ressaltar que 93% dos muito felizes são heterossexuais; dentre os alunos felizes 87% são heterossexuais e 7% são homossexuais; dos alunos não muito felizes 88% são heterossexuais e 12% são bissexuais; dentre os infelizes, 67% são heterossexuais e 22% são bissexuais.

5.6.2 Situação financeira

Dentro do subgrupo de situação financeira, a renda apresentou em parte relevância para a explicação da felicidade dos alunos entrevistados. Enquanto as variáveis uso de transporte público e região onde mora não apresentaram, em princípio, diferenças significativas entre os diferentes níveis de felicidade

observados, as variáveis relacionadas à posse de carro próprio, trabalho ou estágio e satisfação com a renda familiar chamaram atenção em seus resultados.

Possuir carro próprio mostrou-se positivamente correlacionada com um nível alto de felicidade. 74% dos alunos muito felizes e 54% dos felizes possuem seu próprio carro, enquanto 62% dos não muito felizes e 56% dos infelizes não. Esta pode ser uma característica bastante particular da cidade de Brasília, uma vez que as distâncias são consideradas mais longas do que em outras cidades brasileiras.

Trabalhar ou fazer estágio se mostrou relevante para diferenciar o grau de felicidade das pessoas. Em outras palavras, os alunos mais felizes (muito felizes) são os que mais trabalham ou fazem estágio (57%), à medida que, quanto mais o nível de felicidade decai, mais aumenta o percentual de alunos desempregados. Assim, tem-se que, dentre os alunos apenas felizes, 56% não fazem estágio; dentre os não muito felizes, 65% não trabalham ou fazem estágio; dentre os infelizes, 67% não trabalham ou estagiam. Tais resultados corroboram com a literatura acerca do tema até então, destacando-se principalmente, os trabalhos brasileiros de Corbi e Menezes-Filho (2006) e Lima (2007) que defendem que pessoas mais ricas e empregadas apresentam maiores chances de serem felizes.

A variável de satisfação com a renda familiar também sinalizou importância na determinação da felicidade dos alunos, apresentando uma correlação positiva com a felicidade. Ao passo que o grau de felicidade diminui, a satisfação com a renda familiar também decresce, destacando, ainda, que dentre os infelizes 33% estão insatisfeitos com a renda de suas famílias. Este resultado está de acordo com outros trabalhos feitos para o Brasil, tais como a tese de Lima (2007) e os estudos de Corbi e Menezes-Filho (2006) e Nery (2014).

5.6.3 Relacionamentos

Dentro do indicador de relacionamentos, as variáveis ligadas à família (morar com os pais, pais casados, ter irmãos) e ao casamento indicaram pouca relevância para explicar o grau de felicidade dos respondentes, indo de encontro ao trabalho de Blanchflower e Oswald (2004), que defendem que a felicidade é maior entre as pessoas casadas e cujos pais são casados. No entanto as variáveis relacionadas a namoro e amigos apresentaram-se como bastante relevantes.

Namorar demonstrou afetar negativamente a felicidade, uma vez que o percentual de pessoas mais felizes da amostra (no mínimo felizes) que não

namoram é de 55%, ao mesmo tempo que o percentual dos alunos mais infelizes que namoram é de 67%.

Não obstante, a variável dentro deste subgrupo que apresentou maior significância na explicação da felicidade dos estudantes foi a frequência com que encontram seus amigos. A partir da análise dos dados, notou-se que quanto mais feliz, maior a frequência com que o aluno encontra seus amigos. Dessa forma, 63% dos alunos muito felizes encontram os amigos pelo menos 2 vezes na semana; 50% dos alunos felizes encontram os amigos pelo menos 2 vezes na semana; 67% dos respondentes não muito felizes encontram seus amigos pelo menos 1 vez a cada 15 dias; dentre os infelizes, 67% encontram seus amigos raramente, ou seja, menos de uma vez ao mês. Assim, a frequência com que o aluno encontra seus amigos é positivamente correlacionada com a variável principal de interesse (felicidade), o que corrobora com o estudo de Rodrigues e Shikida (2005) que apontou que amizade desempenha importante papel na felicidade das pessoas.

Pode-se levantar a hipótese, a partir da análise anterior, de que alunos que namoram possivelmente encontrem menos seus amigos para explicar a relação negativa entre namoro e felicidade.

5.6.4 Comprometimento socioambiental

O indicador de comprometimento socioambiental sinalizou ser de extrema importância para a mensuração da felicidade dos alunos de Economia. Todas as variáveis que compõe este subgrupo, relacionadas à interação com a natureza, preservação ambiental, ao trabalho voluntário e à consciência da relevância das próprias ações para a sociedade como um todo, sugeriram ser significantes para a explicação da felicidade.

A frequência com que os alunos praticam atividades ao ar livre, interagindo com a natureza, demonstrou alta correlação com o nível de felicidade: quanto mais felizes, mais interagem com a natureza e com o meio ambiente. Deste modo, 76% dos alunos muito felizes praticam este tipo de atividade pelo menos 1 vez a cada 15 dias; 57% dos felizes também, 1 vez a cada 15 dias; já 41% dos não muito felizes e 78% dos infelizes interagem raramente com a natureza e com o meio ambiente, ou seja, menos de uma vez ao mês.

A prática de ações cotidianas que visem a preservação do meio ambiente também se mostrou fortemente correlacionada com o grau de felicidade dos

indivíduos. Quanto mais feliz, maior a preocupação em agir em prol da preservação ambiental. Dessa forma, dentre os muito felizes e felizes, 73% e 62%, respectivamente, se preocupam em executar ações cotidianas voltadas para a preservação do meio ambiente, enquanto, dentre os não muito felizes e infelizes, 62% e 56%, respectivamente, não realizam qualquer ação em prol do meio ambiente.

No que se refere a trabalho voluntário, pôde-se observar que a maioria dos alunos dentro de cada subgrupo não pratica qualquer atividade voluntária. No entanto, notou-se que, quanto maior o grau de felicidade, maior o percentual de participantes nesse tipo de trabalho dentro do grupo, indicando uma relação positiva entre trabalho voluntário e felicidade. Assim, mesmo que em percentuais baixos de participação, observa-se um aumento no nível de participação seguindo o aumento no nível de felicidade: os alunos muito felizes participam em 39%, os felizes em 34%, os não muito felizes em 24% e os infelizes em 11%.

Dentro deste indicador, a variável de maior relevância para a explicação da felicidade dos alunos foi a consciência da relevância das próprias ações para a sociedade como um todo. Dentre os alunos muito felizes e felizes, 58% e 51%, respectivamente, consideram suas ações e atitudes relevantes para a sociedade em geral, ao passo que, dentre os estudantes não muito felizes e infelizes, 71% e 77%, respectivamente, consideram suas ações e atitudes pouco relevantes ou mesmo irrelevantes para a sociedade em sua totalidade. Notou-se, então, que o sentimento de inclusão, de ser parte relevante de um todo é positivamente correlacionado com a felicidade, corroborando com a ideia, defendida por Layard (2005), de que a inclusão na comunidade afeta positivamente a felicidade dos indivíduos.

5.6.5 Saúde

O subgrupo relacionado à saúde contém variáveis que apresentaram relevância para a explicação da felicidade dos respondentes, corroborando com trabalhos como os de Layard (2005) e Rodrigues e Shikida (2005); no entanto, o consumo de bebidas alcoólicas e a média de horas dormidas por noite sugeriram irrelevância para a mensuração da felicidade da amostra abordada neste trabalho.

O estado de saúde dos alunos apresentou relação positiva com a felicidade: enquanto os alunos no mínimo felizes apresentaram um percentual de 97% de

saúde considerada boa ou muito boa, o percentual de infelizes com a saúde declarada como em bom estado caiu para 66%.

Com relação à prática regular de atividades físicas, foi constatado, a partir da análise dos dados, que essa variável influencia positivamente a felicidade dos alunos: ao passo que 70% dos alunos muito felizes praticam atividades físicas regularmente, 56% dos alunos infelizes não se exercita.

5.6.6 Valores pessoais

O indicador de valores pessoais apresentou grande relevância para a mensuração da felicidade da amostra abordada, conforme defendido por Layard (2005).

A variável referente à visão que os alunos têm de si mesmos apresentou-se como primordial para a explicação da felicidade dos indivíduos desta amostra. 96% dos alunos muito felizes consideram a visão que têm de si mesmos boa ou muito boa; 85% dos alunos felizes a consideram também boa ou muito boa; dos não muito felizes, 47% a consideram não muito boa; dentre os alunos infelizes, 66% consideram a visão que têm de si mesmos ruim ou muito ruim. Dessa forma, nota-se a extrema relevância dessa variável no entendimento da felicidade dos alunos: quanto maior o grau de felicidade, melhor a visão que o indivíduo tem de si mesmo.

Satisfação com a aparência física indicou relacionar-se positivamente com a felicidade: quanto maior o grau de felicidade do indivíduo, maior a satisfação com sua aparência física. Dessa forma, dentre os respondentes felizes e muito felizes, 84% e 71%, respectivamente, estão satisfeitos ou muito satisfeitos com sua aparência física; dentre os não muito felizes, 47% não estão muito satisfeitos e dentre os infelizes 66% estão insatisfeitos com sua aparência física.

No que se refere à variável sobre se sentir pressionado vale ressaltar que 60% dos alunos não felizes (não muito felizes e infelizes) se sentem pressionados, bem mais que o percentual de alunos felizes e muito felizes (38%).

Sobre a ansiedade, a maioria dos alunos dentro de cada nível de felicidade é ansiosa, ou seja, 75% dos 319 alunos questionados se consideram ansiosos, mas deve-se destacar que 100% dos infelizes compõem esse grupo.

Com relação à variável que mediu o estresse entre os alunos de Economia, esta apresentou relação negativa com a felicidade. Em outras palavras, quanto menor o nível de felicidade maior o nível de estresse. Assim, se consideram

estressados 67% dos alunos infelizes, 59% dos alunos não muito felizes, 39% dos felizes e 22% dos alunos muito felizes.

Uma variável que se destacou na explicação da felicidade dentro da amostra foi a de confiança nos outros. Quanto maior o grau de felicidade, mais os indivíduos tenderam a acreditar que outras pessoas tentariam ser justas com eles, enquanto que, quanto menor o grau de felicidade, mais os respondentes tenderam a acreditar que outras pessoas tentariam levar vantagens sobre eles. Dessa forma, 52% dos felizes e muito felizes acreditam que as pessoas tentariam ser justas, ao passo que 59% e 78% dos não muito felizes e infelizes, respectivamente, acreditam que as pessoas tentariam levar vantagem sobre eles. A confiança nas outras pessoas é, então, positivamente correlacionada com a felicidade.

No que se refere às variáveis relacionadas a religião, vale destacar que 60% dos alunos muito felizes são religiosos e que 57% deles são católicos. Tal particularidade pode corroborar com Blanchflower e Oswald (2004) quando afirmam que pessoas religiosas são mais felizes. No entanto a religião não apresentou muita relevância para a explicação da felicidade da amostra.

5.6.7 Tempo livre

No que se refere ao tempo livre, foram analisadas variáveis relativas à satisfação com a quantidade de tempo livre de que o aluno dispõe, ao uso de *internet* e às viagens a lazer. Esta última variável não sugeriu relevância na compreensão da felicidade da amostra.

Com relação à satisfação com a quantidade de tempo livre de que dispõe, é importante destacar que apenas o grupo de alunos infelizes considera o tempo livre de que dispõem suficiente, num percentual de 56%. Pode-se levantar a possível hipótese de ganhos marginais decrescentes, ou seja, quanto maior o tempo livre disponível, menor o ganho e os benefícios advindos com ele.

No que tange o uso da *internet*, averiguou-se que alunos mais felizes gastam maior parte de seu tempo *online* em redes sociais e *sites* de notícias, enquanto os alunos infelizes gastam maior parte de seu tempo com jogos e outras atividades *online* não especificadas.

5.6.8 Visão do Brasil

No indicador de visão do país foram observadas variáveis referentes à segurança, à visão do Brasil em comparação com países desenvolvidos e às perspectivas futuras para o país.

No que diz respeito à segurança, notou-se que esta é positivamente relacionada com a felicidade, ou seja, quanto mais feliz o indivíduo, mais seguro se sente nos ambientes em que frequenta, fato alinhado com os principais resultados do *Prosperity Index* e do *Better Life Index* que sugerem segurança como um dos pilares da felicidade. Vale destacar que 89%, 79% e 62% dos muito felizes, felizes e não muito felizes, respectivamente, se sentem seguros nos locais que frequentam. Já os infelizes se sentem, em sua maioria (56%), inseguros nos ambientes em que frequentam.

Com relação à visão do país se comparado a países desenvolvidos o resultado foi unânime: independente do nível de felicidade a maioria dos respondentes (73%) tem uma visão não muito boa ou ruim do país. O mesmo ocorreu no que diz respeito às perspectivas futuras para o Brasil: 70% dos alunos apresentam uma visão não muito boa ou ruim sobre as perspectivas futuras para o país.

5.6.9 Desempenho no curso

O desempenho no curso de Ciências Econômicas da UnB não apresentou relação linear com a felicidade dos alunos, todavia vale destacar que 82% dos alunos muito felizes apresentam um desempenho satisfatório ou muito satisfatório no curso, ao mesmo tempo que somente 55% dos alunos infelizes apresentam o mesmo nível de desempenho.

5.6.10 Felicidade futura

A expectativa de ser mais feliz no futuro mostrou-se positivamente correlacionada com o nível de felicidade atual dos alunos. Dessa forma, 98%, 96% e 91% dos alunos muitos felizes, felizes e não muito felizes, respectivamente, esperam ser mais felizes no futuro, enquanto que, para os alunos infelizes, esse percentual diminui, de forma notável, para 67%.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo investigar empiricamente os possíveis determinantes da felicidade dos alunos de graduação do curso de Ciências Econômicas da Universidade de Brasília, por meio da aplicação de questionários de elaboração própria, que tiveram como base os questionários da *World Values Survey (WVS)* de 2014.

Os determinantes abordados foram separados em 10 indicadores para maior facilidade de análise e entendimento dos dados, sendo eles: características referentes a gênero e opção sexual, situação financeira, relacionamentos, comprometimento socioambiental, saúde, valores pessoais, tempo livre, visão do Brasil, desempenho no curso e expectativa de felicidade futura.

Dentro do indicador de situação financeira, as variáveis referentes a possuir carro próprio, trabalhar ou fazer estágio e satisfação com a renda familiar foram relevantes para a determinação da felicidade, apresentando correlação positiva com a mesma.

No que diz respeito ao indicador de relacionamentos, a variável frequência com que encontra os amigos apresentou forte correlação positiva com o nível de felicidade, sendo de suma importância para o seu estudo e entendimento.

O indicador de comprometimento socioambiental sinalizou ser de grande relevância para a mensuração da felicidade dos alunos. As variáveis que mediram a interação com a natureza, a preocupação com o meio ambiente e a consciência da relevância das próprias ações para a sociedade em sua totalidade apresentaram correlação positiva com a felicidade dos respondentes, enfatizando sua relevância na mensuração da felicidade dos indivíduos da amostra.

Com relação ao indicador de valores pessoais, a visão que o aluno tem de si mesmo, a satisfação com sua aparência física e confiança nas outras pessoas apresentaram correlação positiva com o nível de felicidade. Tais variáveis se mostraram significantes na explicação da felicidade. Ainda, também fortemente correlacionada, mas de forma negativa, com a felicidade foi a variável de nível de estresse, demonstraram forte relevância na determinação da felicidade dos alunos respondentes.

No que tange o indicador referente à visão que se tem do Brasil, a variável segurança se destacou na determinação da felicidade, apresentando correlação positiva com a variável principal de interesse.

No que diz respeito à expectativa de felicidade futura, esta variável também se relaciona positivamente com a felicidade dos alunos contemplados na amostra.

Não obstante os resultados encontrados, o presente trabalho apresenta certas limitações. Primeiramente, a amostra abordada é bastante específica, o que gera resultados específicos, restritos, ao grupo de indivíduos estudados. Dessa forma, ao analisar os resultados, deve-se considerar todas as particularidades referentes ao grupo composto por estudantes da graduação de Economia da Universidade de Brasília. Ainda, a direção de causa e efeito entre as variáveis explicativas e a variável explicada (felicidade) também podem ser questionadas. Por exemplo, observada a existência de uma correlação positiva entre o nível de felicidade e a satisfação com a aparência física, questiona-se se os alunos são mais felizes por estarem mais satisfeitos com sua aparência física ou se, por serem mais felizes, possuem características psicológicas, como maior autoconfiança, maior senso crítico e individualidade que os fazem estar mais satisfeitos em relação ao seu físico. Dessa forma, como destacado por Dib Netto (2014), ainda não foi encontrada na literatura uma solução para o viés de causalidade e simultaneidade.

Este tema, pela sua crescente relevância dentro da literatura econômica e pela maneira como vem sendo metodologicamente tratado, apresenta diversas possibilidades de estudos. Como sugestão de trabalhos futuros ressalta-se a possibilidade de repetir o estudo para uma amostra com características e particularidades diferentes da que foi abordada no presente trabalho, a fim de comparar os resultados obtidos e verificar a relevância de cada um. Além disso, uma análise mais aprofundada do impacto de alguma das variáveis mais importantes obtidas neste trabalho poderia constituir outra sugestão para futuras pesquisas. É importante levantar, também, a relevância da possível repetição do estudo levando em consideração diferentes pesos para as variáveis escolhidas para explicar a felicidade e, ainda, a elaboração de um questionário que tenha como base a intuição de preferências reveladas, para obter-se respostas cada vez mais sinceras dos entrevistados.

Para a Economia, é de fundamental relevância o aprofundamento contínuo no estudo da felicidade, uma vez que esta representa o objetivo primordial a ser maximizado na vida individual e social.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHUVIA, A. **If money doesn't make us happy, why do we act as if it does?** *Journal of Economic Psychology*, **29**, p. 491-507, 2008.

BAUMAN, Z. **A Arte da Vida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

Better Life Index. Disponível em <http://www.oecdbetterlifeindex.org/>. Acessado em 17 de julho de 2015.

BLANCHFLOWER, D.G.; OSWALD, A. J. **Money, sex and happiness: An empirical study**. Working paper nº 10499. *National Bureau of Economic Research*, Cambridge, May 2004.

BRUNI, L.; PORTA, P. **Economic and Happiness: framing the analysis**. New York: *Oxford University Press Inc.*, 2005.

BRUNI, L. **Civil Happiness: Economics and human flourishing in historical perspective**. New York: Routledge, 2006.

BRUNI, L; STANCA, L. **Income Aspirations, Television and Happiness: Evidence from the World Values Survey**. *Kyklos*, v.59, n. 2, p. 209-225, 2006.

CAMPETTI, P e ALVES, T. **Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica**. *Instituto Humanitas*, nº 195, 2013.

CHOUDHARY, M. A., LEVINE, P., MCADAM, P. e WELZ, P. **The Happiness, Puzzle: Analytical Aspects of the Easterlin Paradox**. *Oxford Economic Papers*, **64**, p. 27-42, 2012.

CORBI, R.; MENEZES-FILHO, N. **Os determinantes empíricos da felicidade no Brasil**. *Revista de Economia Política* [online], v. 26, n. 4, p. 518-536, out.-dez. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-1572006000400003&script=sci_arttext>.

DIB NETTO, J. **A Economia da Felicidade**. *FIPE*, Agosto 2014.

DIENER, E.; OISHI, S. **Money and Happiness: Income and Subjective Well-Being Across Nations**. Em: DIENER, E; SUH, E. (Eds.). *Culture and Subjective Well-Being*. MIT Press: Cambridge, MA, 2000.

DI TELLA, R; MACCULLOCH, R; OSWALD, A. **Preferences over inflation and unemployment: Evidence from surveys of happiness**. *The American Economic Review*, v. 91, n. 1, p. 335-341, 2001.

EASTERLIN, R. **Does Economic Growth Improve the Human Lot?** Em: DAVID, P; REDER, M. (Eds.). *Nations and Households in Economic Growth: Essays in Honor of Moses Abramovitz*. New York: Academic Press, 1974.

EASTERLIN, R. A. **Happiness, Growth and Public Policy**. *The Economic Inquiry*, **51**, p. 1-15, 2012.

FREY, S.; STUTZER, A. **Happiness research: State and Prospects**. Zurich, Working Paper nº 190, June 2004.

FREY, B. **Happiness: A Revolution in Economics**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2008.

Gallup-Healthways Well-Being Index. Disponível em <http://www.well-beingindex.com/>. Acessado em 24 de setembro de 2015.

GIANNETTI, E. **Felicidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GRAHAM, C. **Globalization, poverty, inequality, and insecurity: Some insights from Economics of Happiness**. Helsink, p. 1-35, 2005.

Happy Planet Index. Disponível em <http://www.happyplanetindex.org/>. Acessado em 22 de outubro de 2015.

Human Development Index. Disponível em <http://hdr.undp.org/en/rethinking-work-for-human-development>. Acessado em 14 de setembro de 2015.

HUNT, E. K. **História do pensamento econômico**. Rio de Janeiro: Campus, 1981.

HUNT, E. K. **História do Pensamento Econômico: Uma perspectiva critica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

INGLEHART, R.; FOA, R.; PETERSON, C.; WEIZEL, C. **Development, freedom and rising happiness**. *Perspectives on Psychological Science*, v. 3, p. 264-285, 2008.

KAVETSOS, G. e KOUTROUMPIS, P. **Technological affluence and subjective well-being**. *Journal of Economic Psychology*, **32**, p. 742-753, 2011.

LAYARD, R. **Rethinking Public Economics: The implications of Rivalry and Habit**. Em: BRUNI, L; PORTA, P.(Eds.). *Economics & Happiness: framing the analysis*. New York: Oxford University Press, 2005

LEIGH, A. WOLFERS, J. **Happiness and the Human Development Index: Australia is not a Paradox**. Working Paper nº 11925. *National Bureau of Economic Research*, Cambridge, Jan 2006.

LIMA, S. **Economia e felicidade: um estudo empírico dos determinantes da felicidade no Brasil**. 2007. 93 f. Tese (Mestrado em Economia) – Programa de Pós-Graduação em Economia. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, 2007.

MAUSS, I. *et all.* **Can Seeking Happiness Make People Happy? Paradoxical Effects of Valuing Happiness.** American Psychological Association, 1528-3542, 2011.

NERY, P. **Economia da Felicidade: Implicações para Políticas Públicas.** Disponível em: <http://www.brasil-economia-governo.org.br/2014/10/13/o-que-e-economia-da-felicidade-e-como-ela-pode-ser-aplicada-as-politicas-publicas/> . Acesso em 25 de agosto de 2015.

PÉNARD, T., POUSSING, N. e SUIRE, R. **Does the Internet make people happier?** *The Journal of Socio-Economics*, **46**, p. 105-116, 2013.

Legatum Prosperity Index. Disponível em <http://www.li.com/programmes/prosperity-index>. Acessado em 30 de outubro de 2015.

RODRIGUES, O; SHIKIDA, P. **Economia e felicidade: elementos teóricos e evidências empíricas.** *Pesquisa & Debate*, São Paulo, v. 16, n. 1(27), p. 80-120, 2005.

RUSTIN, M. **What's wrong with happiness?** *Soundings* 36, julho, p. 67-84, 2007.

SARRACINO, F. **Determinants of subjective well-being in high and low income countries: Do happiness equations differ across countries?** *The Journal of Social Economics*, **42**, p. 51-66, 2013.

Well-Being Index Brasil. Disponível em <http://www.wbbindex.org/>. Acessado em 16 de agosto de 2015.

Who Are the Happiest People in the World? The Swiss or Latin Americans?
Disponível em <http://www.gallup.com/opinion/gallup/182843/happiest-people-world-swiss-latin-americans.aspx>. Acessado em 28 de outubro de 2015.

World Happiness Report. Disponível em <http://worldhappiness.report/>. Acessado em 3 de agosto de 2015.

World Values Survey. Disponível em <http://www.worldvaluessurvey.org/wvs.jsp>. Acessado em 20 de outubro de 2015.

ANEXO

O conteúdo deste anexo se resume às perguntas contidas no questionário aplicado aos alunos de Economia da Universidade de Brasília, a fim de levantar os dados primários analisados na presente pesquisa.

Questionário

Obrigada por responder!



() Masculino () Feminino () Outro

Você se considera uma pessoa:

() Muito feliz () Feliz () Não muito feliz () Infeliz

Você espera ser mais feliz no futuro?

() Sim () Não

Como é a visão que tem de si mesmo?

() Muito boa () Boa () Não muito boa () Ruim () Muito ruim

Qual a relevância de suas atitudes para a sociedade como um todo?

() Muito relevante () Relevante () Pouco relevante () Irrelevante

Você possui carro próprio?

() Sim () Não

Faz uso de transporte público?

() Sim () Não

Onde você mora?

() Plano piloto () Cidade satélite () Lago Sul/Norte () Sudoeste/Noroeste

Em que medida está satisfeito com a situação da renda de sua família?

() Muito satisfeito () Satisfeito () Pouco satisfeito () Insatisfeito

Com quem você mora?

☐ Pais/familiares ☐ Amigos ☐ Namorado(a)/Cônjuge ☐ Sozinho

Seus pais são:

☐ Casados ☐ Separados ☐ Outra opção

Você tem irmãos?

☐ Sim ☐ Não

Qual é a sua orientação sexual?

☐ Heterossexual ☐ Homossexual ☐ Bissexual ☐ Outras

Você é casado?

☐ Sim ☐ Não

Você namora?

☐ Sim ☐ Não

Você trabalha ou faz estágio?

☐ Sim ☐ Não

Como é seu desempenho no curso de Ciências Econômicas?

☐ Muito satisfatório ☐ Satisfatório ☐ Pouco satisfatório ☐ Insatisfatório

Com que frequência encontra seus amigos?

☐ Pelo menos 2x na semana ☐ Pelo menos 1x a cada 15 dias ☐ Pelo menos 1x ao mês
☐ Raramente

Sobre a frequência com que frequenta locais abertos ou pratica atividades ao ar livre, interagindo com a natureza:

☐ Pelo menos 2x na semana ☐ Pelo menos 1x a cada 15 dias ☐ Pelo menos 1x ao mês
☐ Raramente

Você executa alguma ação cotidiana que ajude a preservar o meio ambiente? Pode-se considerar coleta seletiva de lixo, economia de água, energia e outros.

☐ Sim ☐ Não

Você participa de alguma organização/associação voluntária? Pode-se considerar igreja, grupo religioso, esportivo ou recreativo, organizações artísticas, educacionais ou de caridade.

☐ Sim ☐ Não

Você é religioso?

() Sim () Não

Se sim, qual a sua religião?

() Católica () Evangélica () Espírita () Outras

Em geral, como está sua saúde?

() Muito boa () Boa () Não muito boa () Ruim

Você está satisfeito com sua aparência física?

() Muito satisfeito () Satisfeito () Não muito satisfeito () Insatisfeito

Você pratica atividades físicas regularmente?

() Sim () Não

Quantas horas, em média, você dorme por noite?

() 8h ou mais () Entre 6 e 8h () Menos de 6h

Podendo marcar quantas alternativas achar necessário, você se considera:

() Pressionado () Ansioso () Estressado () Nenhuma das alternativas

Você consome bebidas alcoólicas?

() Regularmente () Socialmente () Raramente () Nunca

Você considera o tempo livre de que dispõe suficiente?

() Sim () Não

Sobre o uso da internet, em qual das opções você gasta maior tempo:

() Sites de notícias () Redes sociais () Jogos () Outros

Com que frequência você viaja a lazer?

() Mínimo de 2x por ano () 1x por ano () Raramente () Nunca

O que acha: a maioria das pessoas tentaria levar vantagem sobre você se tivesse uma chance ou tentaria ser justa?

() Tentaria ser justa () Tentaria levar vantagem

Você se sente seguro nos ambientes que frequenta?

() Sim () Não

Como é a sua visão geral do Brasil em relação a outros países como EUA e países da Europa?

() Muito boa () Boa () Não muito boa () Ruim

Como você avalia as perspectivas para o Brasil no futuro?

() Muito boas () Boas () Não muito boas () Ruins